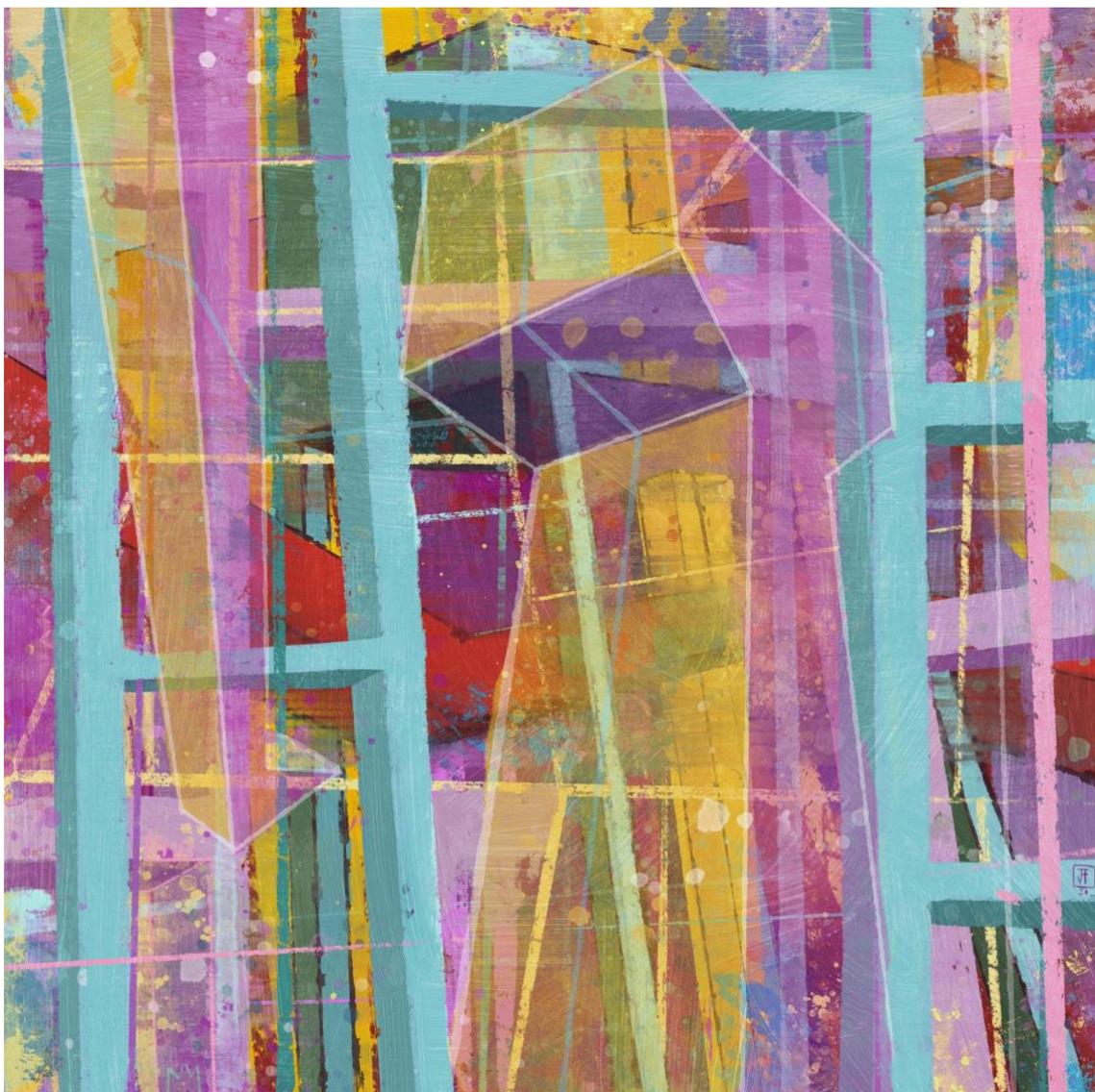


OS PROFESSORES QUE NUNCA MORREM

Narrativas sobre o *meu melhor professor*



José Matias Alves (org.)

Porto, abril de 2022

Ficha técnica

Título: Os professores que nunca morrem - Narrativas sobre o *meu melhor professor*

Editor: José Matias Alves

Colaboração: Rosário Queirós

Prefácio: José Matias Alves

Autores: Profissionais de diversas áreas do conhecimento que narram as memórias de professores marcantes

Local de edição: Porto

Publicação: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Data de edição: abril de 2022

ISBN: 978-989-53098-8-7

Imagem de capa: José António Fundo

Índice

<i>Nos labirintos do ser professor.....</i>	<i>5</i>
<i>1. Configurou sentido à minha vida profissional e pessoal.....</i>	<i>16</i>
<i>2. Recordar a figura desmesurada e cortês</i>	<i>16</i>
<i>3. Aprendi o prazer da descoberta</i>	<i>17</i>
<i>4. A sua autenticidade, a capacidade de escuta e de clarificação de expectativas, a ética da responsabilidade e do compromisso, a capacidade de relação interpessoal, a exigência.....</i>	<i>18</i>
<i>5. Competência, exigência, simpatia, beleza.</i>	<i>20</i>
<i>6. Miguel Leitão, um filósofo romântico que me inspirou a seguir filosofia</i>	<i>20</i>
<i>7. As suas aulas eram o ponto alto da semana. A escola podia ser outra coisa.....</i>	<i>22</i>
<i>8. Fez a diferença na minha vida.....</i>	<i>25</i>
<i>9. A ele devo muito do que fui alcançando ao longo da minha vida</i>	<i>26</i>
<i>10. Um Mestre.....</i>	<i>27</i>
<i>11. O respeito que lhe tínhamos era sinónimo do quanto a admirávamos.....</i>	<i>27</i>
<i>12. Tempos tão marcantes.....</i>	<i>29</i>
<i>13. É sempre com grande emoção que recordo os momentos vividos e partilhados com aquela professora extraordinária.....</i>	<i>31</i>
<i>14. Todos de uma forma mais ou menos relevante terão tido influência no meu modo de estar, na minha personalidade e na minha forma de viver.....</i>	<i>32</i>
<i>15. Querida Professora Fátima!</i>	<i>35</i>
<i>16. Lembro-me do professor da primária que puxava sempre por nós e nos fazia ser melhores.</i>	<i>36</i>
<i>17. Comunicação, conhecimento e empatia.</i>	<i>37</i>
<i>18. Sabia que tratar de forma igual o que é diferente não era justo.....</i>	<i>37</i>
<i>19. Um relâmpago na nossa adolescência, a Manuela</i>	<i>39</i>
<i>20. Como um professor marca a diferença - O trabalho da disciplina de construções</i>	<i>40</i>
<i>João Rangel, Agente de Seguros [42 anos]</i>	<i>40</i>
<i>21. Guardo memória de bons professores do liceu.....</i>	<i>42</i>
<i>22. Uma professora de uma generosidade tremenda e que nos incentivou a fazermos os nossos próprios projetos</i>	<i>42</i>

23. Tive a sorte de conhecer bons docentes e aos quais devo muito do que hoje sou como profissional e (talvez mais) como pessoa	43
24. Foi na primeira aula que percebi que a sua disciplina seria um desafio.....	45
25. Um Mestre.....	46
26. Disse para me sentar na secretaria dela e foi a partir daqui que tudo mudou	46
27. Passava um entusiasmo genuíno pelos conteúdos que ensinava e sorria de satisfação quando discorriamos na direção certa.....	47
28. Admiro a forma como as aulas estavam bem estruturadas	49
29. Mestres que passaram pela minha vida	51
30. Mas acima de tudo, o entusiasmo e paixão que transmitia ao lecionar	52
31. O(A) Professor(a) que mais me marcou	53
32. 46664.....	54
33. Permitia dar asas à minha criatividade.....	56
34. Sabia explicar que todos somos capazes.....	56
35. Foi o ser humano mais extraordinário	58
36. Aquele professor que me marcou.....	59
37. Gaivota	60
38. Conseguiu que eu acreditasse nas minhas capacidades.....	62
39. Eu achava que ele era uma biblioteca humana, com tanta sapiência!	63
40. E sou grata à professora Baltazar por ter acreditado no meu potencial e por ser uma professora entusiasmada	65

Prefácio

Nos labirintos do ser professor

José Matias Alves¹

Ensinar não é uma atividade como as outras. Poucas profissões serão causa de riscos tão graves como os que os maus professores fazem correr aos alunos que lhe são confiados. Poucas profissões supõem tantas virtudes, generosidade, dedicação e, acima de tudo, talvez entusiasmo e desinteresse. Só uma política inspirada pela preocupação de atrair e de promover os melhores, esses homens e mulheres de qualidade que todos os sistemas de educação sempre celebraram, poderá fazer do ofício de educar a juventude o que ele deveria ser: o primeiro de todos os ofícios.”

Pierre Bourdieu, 1987

Há muitos anos, escrevi no *Correio da Educação* que dirigi durante 13 anos [1999-2013] (<https://correiodaeducacao.asa.pt/>) anos sob a chancela das Edições ASA, um texto ao qual dei o título de “ser professor”. Foi sob o signo da emoção que o escrevi e aqui o retomo: como marca, como inscrição, como respiração (Alves, 2000).

Ser frágil, relacional, inquieto, perplexo; ser na pluridimensionalidade e imprevisibilidade dos acontecimentos; ser livre no peso dos constrangimentos, nos paradoxos da acção;

ser confrontado com a alteridade do outro, com a indiferença e as ameaças (ex)implícitas; ser público na aparente privacidade da sala de aula; ser mestre e discípulo; ser compassivo e exigente; ensinar com a razão e a emoção; ser numa ordem balcânica e centrífuga, no silêncio que esmaga e no ruído que grita; ser na escuta e na comunicação; ser eu porque há o outro (os outros): ser professor.

Ser numa multiplicidade de interações que exigem uma atividade constante, uma atenção diferenciada, um cumprimento (e uma construção) das regras, ora impostas ora negociadas. Ser numa simultaneidade de ações que convergem e divergem; agir sabendo o imprevisível, às vezes o confronto e o tédio; escutar os não-ditos, acender o desejo de partilhar a dúvida e a angústia existencial numa ordem que torna muito difícil esta postura; viver os dilemas de um ofício (quase) impossível.

¹ <https://orcid.org/0000-0002-9490-9957>

Ser numa ordem desautorizante, calculista e hipócrita que se constrói da mediatização, da aparência e do simulacro. Deambular de texto em texto, de reforma em reforma, que não tocam o essencial. Sofrer em silêncio. Às vezes acreditar. Às vezes partilhar. Ser professor em risco permanente de o não ser.

Porque o outro foge, o outro evade-se do espaço e do tempo escolar.

Daqui decorre que a primeira e essencial reivindicação tenha de ser a das condições de trabalho e o modo (solidário) de trabalhar nas escolas. Por aqui passa a saída-saúde. Por aqui passa a salvação do professor.

Da origem e da metodologia

Os textos que aqui se reúnem foram solicitados através do *google forms* a um universo de pessoas da rede relacional dos organizadores com o pedido seguinte:

Caro(a) Amigo(a)

Depois de termos recolhido mais de 100 narrativas de alunos sobre os modos ver e viver a escola (acessível aqui https://www.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Fev22_VF_.pdf) decidimos procurar recolher narrativas de (ex)professores e de (ex)alunos que registem memórias de excelentes professores que tiveram (em qualquer nível de ensino).

Assim convidamos-te a refletir sobre se algum professor te marcou positivamente durante o teu percurso escolar. E por isso não o esqueceste. Lembras-te dele, porque, por motivos vários, foi para ti um bom professor. E são esses motivos que gostaríamos de conhecer e divulgar. Quem sabe essa experiência pode ser inspiradora para os jovens professores.

Todos nós tivemos aquele professor que, pelos melhores motivos, não esquecemos. É desse que queremos ouvir falar.

Usa então dez minutos do teu tempo para nos dares o teu precioso testemunho numa narrativa com um máximo de 500 palavras (entre uma a duas páginas). No fim teremos uma pequena coletânea sobre os bons professores, sobre o lado iluminado da educação. Contamos mesmo contigo. Mas és inteiramente livre de participar. Se possível até ao dia 31 de março de 2022 ².

Acedes a esta participação voluntária e livre através deste link [omite-se o link, por estar inativo]

Na sequência deste pedido foram recolhidos, via plataforma, 35 textos entre 27 de fevereiro e 31 de março de 2022, sendo de registar 5 que foram enviados por email não entrando na caracterização descritiva que se faz infra. Temos, pois, 40 narrativas que nos

² Inicialmente a data foi fixada em 7 de março e depois prolongada para 31 de março.

evocam as imagens que se conservam dos professores que deixaram para sempre a sua marca.

Dados de caracterização dos respondentes

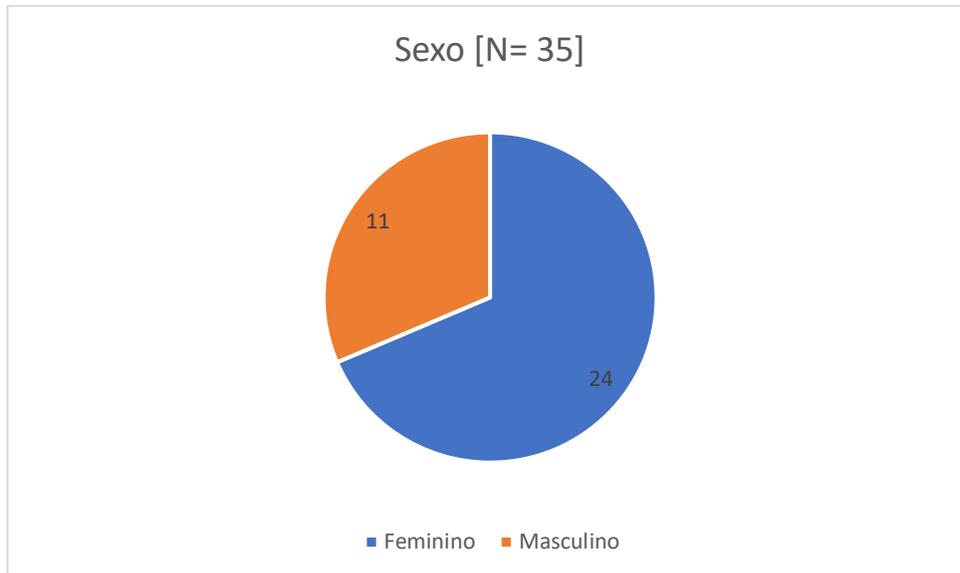


Gráfico 1 – Sexo dos autores

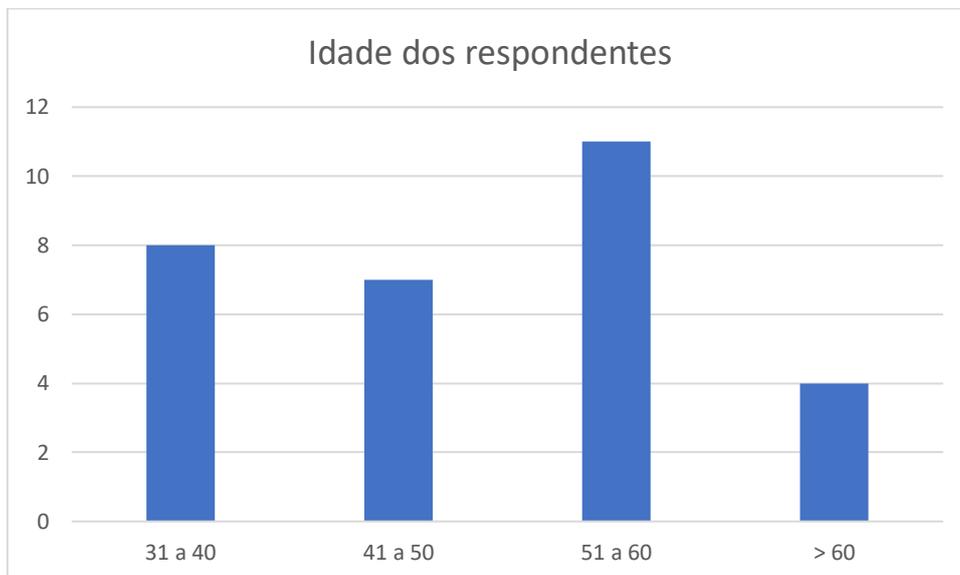


Gráfico 2 – Idade dos autores

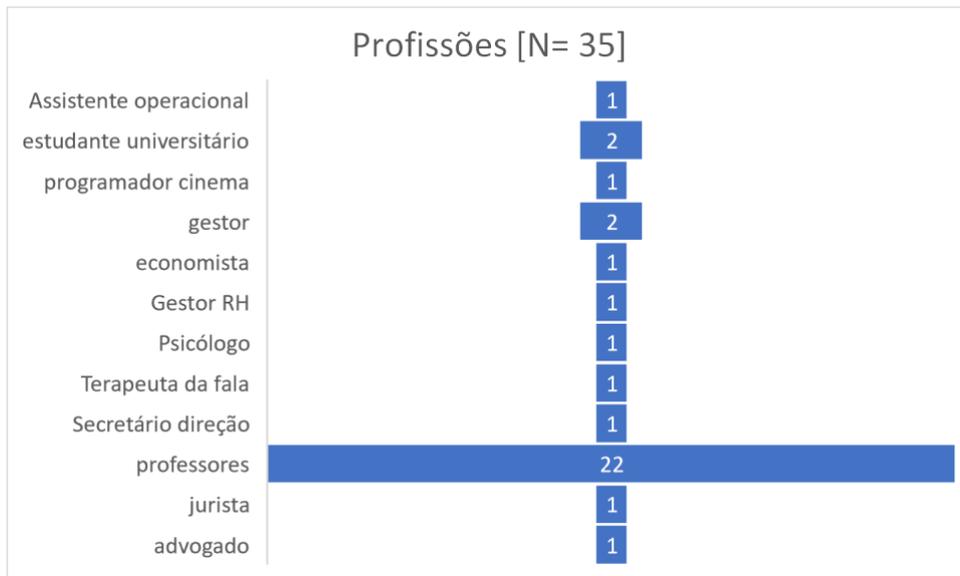


Gráfico 3 – Idade dos autores

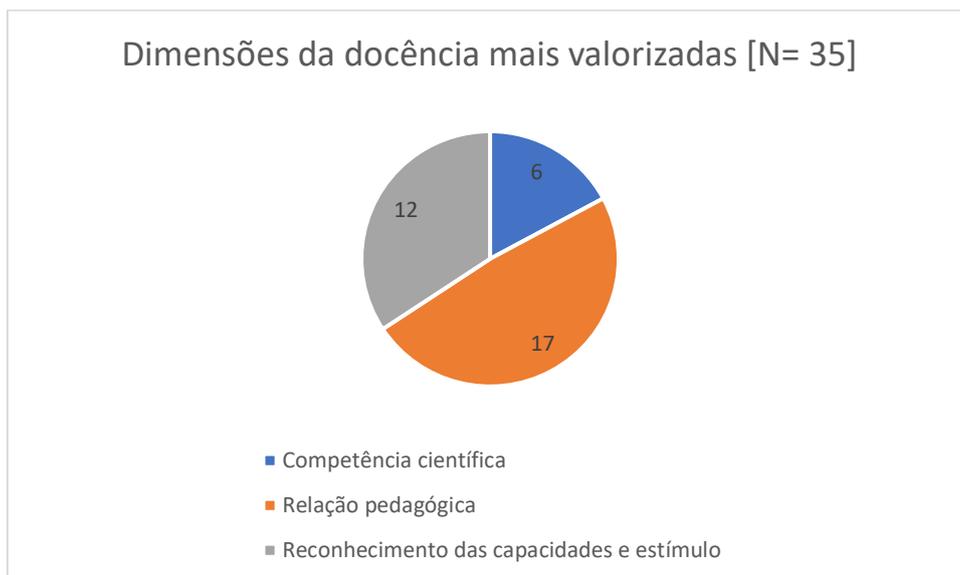


Gráfico 4 - Dimensões da docência mais valorizadas.

Breves notas de leitura

1. Uma profissão complexa

Como refere paradigmaticamente Miguel Santos Guerra, a profissão docente é de elevada complexidade dado o objeto a ensinar e a grande heterogeneidade de disposições e posições dos alunos. Como refere:

A ninguém se oculta que a tarefa que os professores e professoras realizam é extremamente complexa. Porque a natureza da mesma é em si própria problemática, porque os "materiais" com que o professor trabalha (conceitos, ideias, sentimentos, atitudes, valores ...) são extremamente sensíveis, pela diversidade inesgotável dos alunos (alguns resistentes à

aprendizagem), pelas condições em que hoje se realiza essa tarefa (escolas com meios escassos, com pouca autonomia, com grupos de alunos demasiado grandes ...). Além disso, enquanto a escola se empenha em propor um modelo de cidadão ou cidadã, outros agentes sociais seduzem com uma oferta de arquétipos que são diametralmente opostos. (Guerra, 2001)

2. Uma profissão relacional

Como refere Pedro da Cunha (1996), a relação pedagógica é uma construção decisiva e determinante não apenas para o sucesso escolar, mas, sobretudo, para a vida. Como refere, em breve ensaio, a relação pedagógica é construída pelo respeito, fascinação, expectativa, encorajamento, compreensão, confrontação, [consciência e práticas de] consequências, negociação criativa, diálogo, exigência.

E são estas dimensões que constroem o desafio e o enigma da pedagogia.

Como refere Legrand (1988), convocando Meirieu

Quant à la relation pédagogique, "on montre que la tâche du maître est de faire émerger le désir d'apprendre c'est-à-dire, sans doute, de créer l' "énigme" et ce en s'astreignant à faire "varier la distance", c'est-à-dire en restant le "modele" indispensable mais en se retenant d'informer trop vite comme c'est le cas quand on cherche seulement à s'affirmer et à se faire valoir.

Nas narrativas que se dão a ler, é justamente, esta a dimensão que é referenciada como a mais marcante, a mais decisiva e intemporal.

E só para citar alguns exemplos dos textos que se seguem:

A verdade é que a forma peculiar como inicialmente nos abordou e, posteriormente, manteve uma relação pedagógica conosco, configurou sentido à minha vida profissional e pessoal. [1]

Recordo-me que ele me emprestava livros (coisa que eu considerava extraordinária) e colocava-nos a pensar sobre a realidade e sobre nós. (1)

O fascínio conduziu-me à minha profissão e ao caminho para quem eu sou. Sinto uma gratidão profunda. (1)

E falar dela é recordar a figura desmesurada e cortês, que sempre soube encontrar dentro da sala de aula os espaços todos de aprendizagem, colo, disciplina, ordenação de ímpetos infantis para levar o mundo toda à frente. (2)

O que bebi, das suas aulas e das suas palavras, alimentou a autoconfiança na minha capacidade para questionar, procurar respostas e decidir. (3)

Com ela descobri o prazer de procurar os segundos sentidos, a sensibilidade da mensagem, a sutileza da intenção do autor. (3)

Por que era assim o meu professor de Lógica, cativante, apaixonado pelo que ensinava. (3)

Ser um bom professor é também não se deixar acomodar, não deixar de criar situações empolgantes de aprendizagem, dar sentido e propósito à própria aprendizagem, e ele sempre foi um exemplo. (4)

O Miguel Leitão era assim: atento e solidário. (5)

Lembro-me do primeiro texto que nos deu para analisar e do entusiasmo que aquele exercício hermenêutico despertou em mim, retirado de uma obra de Antero de Quental (...) (5)

Agora, à distância, é curioso verificar que muitas das características que me fascinaram nele - a disponibilidade, a alegria e a simpatia, a preocupação em explicar a matéria de forma clara e atrativa para que todos a entendessem e, finalmente, a cumplicidade com a escrita a pensar nos alunos -, todas elas, dizia, são-me hoje atribuídas pela esmagadora maioria dos meus alunos e ex-alunos. (5)

Contra tudo o que então se podia esperar, as suas aulas são a primeira experiência que tenho de liberdade de pensamento, da possibilidade de uma aula ser um lugar de discussão e reflexão. (6)

Mas tinha pela primeira vez Filosofia e aquela professora que iria derrubar todo o meu mundo e por cujas aulas eu ansiava, como um bálsamo terrível. As suas aulas eram o ponto alto da semana. A escola podia ser outra coisa. Agora, como explicar isto? Como pôr em breves palavras tamanha importância? (7)

Éramos postos a pensar com os autores e nunca nenhuma intervenção estava errada – havia sempre um ponto a partir do qual acertar os ponteiros. Incipiente que fosse, havia filosofia naquelas horas. Só isto. E sim, em mim pelo menos, havia encanto. (7)

um dos primeiros sinais de que estamos perante um bom professor. A atenção aos alunos. (7)

Mas devo-lhe mais. Devo-lhe o que muitos têm por defeito próprio e que se me tornou feitio, já me tendo causado dissabores suficientes. Nomeadamente, desconfiar de consensos fáceis e fazer sempre o esforço de olhar para um acontecimento do maior número possível de pontos de vista. (7)

3. Uma profissão impossível

Mas é também uma missão quase impossível. Porque, como referia algures António Nóvoa, a profissão docente requer uma certa colaboração dos alunos pois “não se pode ensinar a quem não quer aprender”. E o primeiro desafio é, pois, procurar descobrir o que está a bloquear a vontade e tentar convocar o estudante para o sentido, a pertinência, a “empregabilidade” social dos saberes que lhe estão a ser propostos.

4. Uma profissão apaixonante

Como explica Day (2004), a profissão de professor só plenamente existir num registo apaixonado. Em relação ao conhecimento e em relação ao outro. E porque mobiliza um alargado conjunto de valores que podem fazer brilhar o olhar: o cuidado, a atenção, a esperança, a curiosidade, o compromisso, o ver o desenvolvimento de seres humanos únicos e irrepetíveis. Aqui também reside a *imortalidade* do professor, a sua intemporalidade porque continua a viver nos olhares e nos corações dos seus alunos, como podemos ver nas narrativas que se seguem.

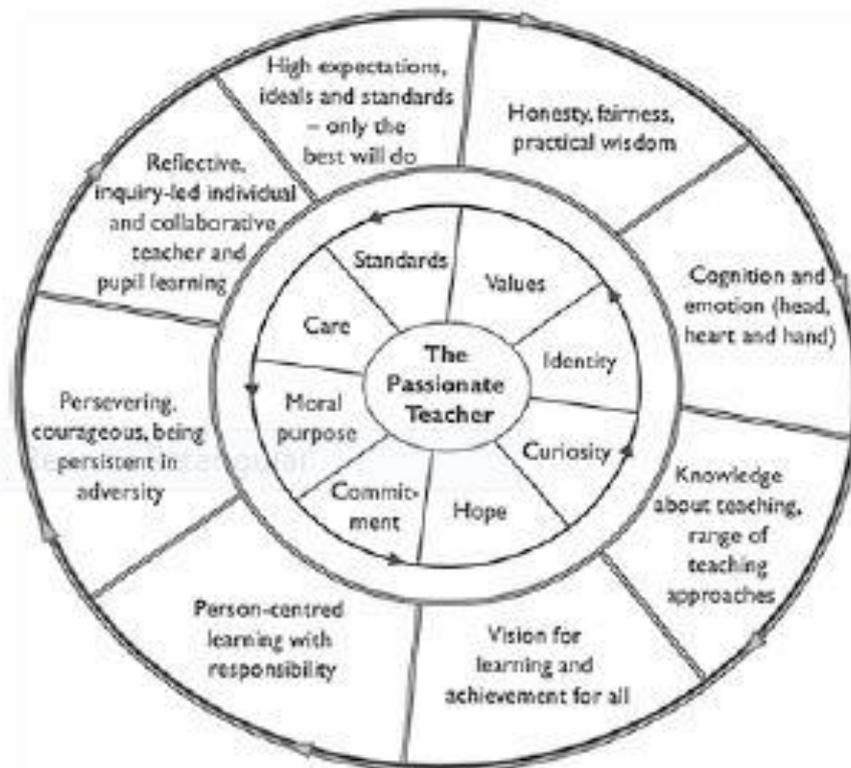


Figure 1.1 The Passionate Teacher.

(Day, 2004)

Como refere Rampa, 2012:

Passionate teachers are characterised by enthusiasm, intellectual emotion, emotional energy and commitment (De Cooman, Gieter, Pepermans, Du Bois, Caers & Jegers, 2007; Manuel & Hughes, 2006). In working with learners, they have a sense of identity, and believe they can make a difference to the learning and achievement of learners. As a result, passion for teaching makes a contribution to understanding and improving the teaching profession and brings new insight into the work and lives of teachers. Growing and sustaining such passion is intimately connected with teachers' commitment; and commitment is related to teachers' sense of professional emotional identity. It is this combination of the emotional and intellectual capacities which results best in teaching practices; what Day (2007) characterises as a passion for teaching.

5. Uma profissão imortal

Como referiu Rubem Alves “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais (Alves, 2006). Tocamos aqui num

dimensão essencial da profissão: o reconhecimento, a gratidão manifestada pelos alunos, enunciada, muitas vezes muitos anos depois. Nas narrativas que aqui apresentamos, esta é, provavelmente, a marca de água da gratificação:

Admirava-o e admiro-o profundamente pela sua sabedoria, pela forma fantástica como me interpelava. O fascínio conduziu-me à minha profissão e ao caminho para quem eu sou. Sinto uma gratidão profunda. (1)

contribuiu, talvez decisivamente, para que se tornasse mais claro em mim o entusiasmo que me tem acompanhado na minha carreira como professor. (6)

Ela nunca desistiu de nenhum de nós, sempre acreditou nas nossas capacidades e isso fez de nós alunos resilientes. (11)

quando as coisas não estavam a correr conforme o previsto, a professora oferecia-nos um colo coletivo que nos dava alento no sentido de continuarmos a ter coragem para vencer os obstáculos seguintes. Desta forma, fez-nos perceber que aprender nem sempre é fácil, mas que, com compreensão, apoio e carinho, todos conseguimos chegar mais longe. (13)

Mas acima de tudo, o entusiasmo e paixão que transmitia ao lecionar (30)

6. Uma profissão autoral

Não obstante as ameaças de subordinação, domesticação e proletarização funcional, esta é uma profissão que se cria permanentemente. Porque os conhecimentos estão sempre a evoluir, porque os enigmas não cessam de crescer, porque os alunos não deixam de permanentemente de nos interpelar. E por isso é pertinente lembrar que os professores não são apenas atores que desempenham um papel que outros escreveram. Eles têm de ser os autores das próprias “peças” que desenvolvem em palco. Daí a pertinência do conceito de agência

The concept of agency is based on the understanding that people do not merely react to and repeat given practices. Rather, they have a capacity for autonomous action, wherein they intentionally transform and refine their worlds, taking control of their lives.

E porque é uma profissão *autoral* é também um exercício de autoridade. É bom lembrar que a autoridade do professor não se decreta. Pode haver circunstâncias políticas e normativas que a promovam. Mas, no limite, a autoridade docente só pode ser construída na ação e na interação que mantém com os alunos e os pares. Porque ela só existe se for reconhecida pelos outros. Como também já escrevi:

A autoridade docente é uma condição sine qua non para que exista uma boa relação pedagógica, um clima de aula favorável à aprendizagem e o ensino possa existir de modo eficaz.

Ora, face à heterogeneidade dos alunos, à desvinculação da escola, ao perçecionado sem sentido de algumas das suas práticas, os novos públicos que são obrigados a andar na escola desafiam a autoridade do professor e exigem posturas mais assertivas e inclusivas.

Precisamos de uma autoridade que nos faça ver. Que nos faça fazer querer. Que nos faça acreditar que podemos ser melhores. Que nos faça crescer (sendo este o sentido etimológico da palavra). Que nos faça ultrapassar a miopia e a cegueira onde nos enredamos. Que nos faça agir no desafio, na exigência, na ultrapassagem dos rasteiros limites. (Alves, 2019).

Que estas narrativas nos animem e nos consolem nos tempos críticos e turbulentos que vivemos. E com uma última palavra de gratidão a todos os que quiseram fazer parte desta obra colaborativa.

Referências

- Alves, J. (2019). Da autoridade. *Terrear*. <https://terrear.blogspot.com/2019/01/linha-de-horizonte-4-da-autoridade.html?q=autoridade>
- Alves, J. (2000). *O Primeiro de todos os ofícios*. Porto: Edições ASA
- Alves, R. (2006). *A Alegria de ensinar*. Porto: Edições ASA
- Bourdieu, P. (1987). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 5, pp. 101-120
- Cunha, P. (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa
- Day, C. (2004). *A Passion for teaching*. Londres: Routledge
- Legrand, L. (1988), recensão a Meirieu, Apprendre, ... oui, mais comment ?/Préface de Guy Avanzini. - Paris : ESF, 1987. *Revue française de pédagogie*, No. 83 (abril, maio, junho, 1988), pp. 112-114

Guerra, M. (2001). *A Escola que aprende*. Porto: Edições ASA

Hadar, L. & Benish-Weisman, M. (2019). Teachers' agency: Do their values make a difference? *British Educational Research Journal*, Vol. 45, No. 1, February 2019, pp. 137–160, DOI: 10.1002/berj.3489

Rampa, S. (2012). Passion for teaching: A qualitative study. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 47 (2012) 1281 – 1285 1877-0428 © 2012 Published by Elsevier Ltd

1. Configurou sentido à minha vida profissional e pessoal

Ana Gualdino, professora, 41 anos

O professor que mais me marcou foi o professor Constantino, meu professor de filosofia do ensino secundário. Atualmente sou professora de filosofia. A verdade é que a forma peculiar como inicialmente nos abordou e, posteriormente, manteve uma relação pedagógica connosco, configurou sentido à minha vida profissional e pessoal. Recordo-me que ele me emprestava livros (coisa que eu considerava extraordinária) e colocava-nos a pensar sobre a realidade e sobre nós. Tratava-me como alguém igual a ele. Esta atitude era rara entre o corpo docente. Providenciou-me responsabilidade e autonomia ao tratar-me assim. Admirava-o e admiro-o profundamente pela sua sabedoria, pela forma fantástica como me interpelava. O fascínio conduziu-me à minha profissão e ao caminho para quem eu sou. Sinto uma gratidão profunda. Recordo ainda que pagou o jantar no final do décimo ano a quem teve nota igual ou superior a 15 no exame (pagou o jantar à turma toda!!!). Bem haja a este meu enorme mentor.

2. Recordar a figura desmesurada e cortês

Ana Maria Rodrigues, Jurista, 40 anos

A importância e o estatuto social e institucional da escola pública aos seis anos é algo cheio de conceitos imprecisos. E escolher, hoje, um professor da escola pública que tenha deixado sonhos e devaneios no pensamento é, no meu caso, difícil porque foram muitos. A professora da escola primária, a primeira. E falar dela é recordar a figura desmesurada e cortês, que sempre soube encontrar dentro da sala de aula os espaços todos de aprendizagem, colo, disciplina, ordenação de ímpetus infantis para levar o mundo toda à frente. Pensar nela é lembrar como a escola é a forma eficaz de proletarizar o saber e a transmissão de tudo o que julgamos ser um iniciar, fora de casa, da construção de uma nova pessoa. E só esta ideia é comovente pelo significado do conceito de uma comunidade comprometida com a vida de todos.

3. Aprendi o prazer da descoberta

Ana Paula Silva, Professora, 62 anos

Com a Madre Joaquina, que nos levava pela quinta do colégio à procura do conhecimento da natureza, da mesma forma que nos levava à capela à procura de Deus aprendi o prazer da descoberta. Sem tabus ou pré-condições. Só com a mente aberta para refletir, para pensar na origem das coisas e o nosso lugar no mundo. O que bebi, das suas aulas e das suas palavras, alimentou a autoconfiança na minha capacidade para questionar, procurar respostas e decidir. Esta segurança levou-me até à idade moratória onde os jovens começam a pôr em causa algumas das convicções consolidadas por uma socialização mais conservadora. Nesta idade de convulsão ambivalente, entre o egocentrismo cognitivo e a procura de um modelo vicariante para a construção de um Projeto de Vida, tive a fortuna de conhecer professores/as fundamentais. - Como a minha professora de Latim que, contrariando a rígida e “secante” professora de literatura, dizia que a importância de uma obra literária está na sua potencialidade hermenêutica que permite à sensibilidade do leitor viver outras vidas, outros papéis, partilhar novas ideias. Que a gramática era a chave segura para a qualidade da leitura e da escrita, mas que a obra literária era muito, muito mais, do que que um texto “impecavelmente escrito”. Com a professora de Latim descobri, efetivamente, o prazer de ler. E sentir o prazer da discussão sobre o que está para além das palavras, o que elas são para nós, o que nos acrescentam. Ensinou-me que Cícero não era apenas um autor, era um criador de enigmas filosóficos que camuflava, em palavras que nunca eram inocentes, que nunca eram evidentes. Com ela descobri o prazer de procurar os segundos sentidos, a sensibilidade da mensagem, a subtileza da intenção do autor. Como a minha professora de História do 6ºano (agora seria 10ª) que tinha um tato pedagógico “revolucionário”. Fazia-nos espectadores presentes dos tempos passados, espectadores críticos que analisavam os factos à luz das suas consequências, porque só assim a História passa de vidas de gente morta ao conhecimento de vidas passadas que nos ensinam a tomar decisões quando os decisivos momentos políticos nos interpelam. Usava, por vezes, uma forma de avaliação que me estimulava muito. Dava-nos a estrutura formal de um teste e desafiava-nos a construir o enunciado. Como me dava prazer estudar pensando nas melhores questões para a essência do que eu (que responsabilidade!!) considerava fundamental em cada matéria ... Com a minha

professora de Filosofia aprendi que quem fica na aparência das coisas está refém de uma sociedade onde o conhecimento é a única forma de liberdade. Com ela percebi que os argumentos devem sustentar-se numa visão holística do mundo que se estrutura na escuta e na reflexão e onde a decisão em que(m) acreditar parte de bases éticas e suporta-se em factos. Pois a doxa acrítica é a maior inimiga da verdade e a porta aberta para a demagogia. Com o meu professor de Lógica percebi que se consegue aprender tudo, até o que não estamos preparados para gostar de aprender (muitas vezes por uma espécie de preconceito devido a “um mau começo”). Eu nunca fui fã de matemática, mas depois de ter aulas com o meu professor de Lógica experimentei a frustração de nunca ter tido uma professora que soubesse cativar-me para ela. Por que era assim o meu professor de Lógica, cativante, apaixonado pelo que ensinava. Era incrível ver como ele desconstruía os caminhos mais complexos da lógica formal ou matemática para nos cativar para o prazer da viagem do pensamento lógico. Num tempo em que a tecnologia e o digital desafiam esta vertente humana e humanista do professor, a memória dos que marcaram a minha vida, leva-me a uma frase de Arthur C. Clarke que guardo quase como um mantra: “Qualquer professor que possa ser substituído por um computador deve ser substituído.”

4. A sua autenticidade, a capacidade de escuta e de clarificação de expectativas, a ética da responsabilidade e do compromisso, a capacidade de relação interpessoal, a exigência

Ana Raquel, Terapeuta ocupacional, 33 anos

Lembro-me do primeiro dia em que com seis anos entrei na Escola Primária. Ao contrário de alguns colegas meus, nem o meu próprio nome sabia escrever. Apesar de não ter frequentado o Infantário ou a Pré-escola, rapidamente me apaixonei por tudo aquilo que a minha professora nos tentava transmitir. Foi ela o meu primeiro contacto com a educação formal e ainda hoje guardo com carinho alguns trabalhos feitos nessa altura. Quatro anos depois, chego à “escola dos mais crescidos”. Posso dizer que do 5º ao 9º ano tive professores fantásticos desde a Língua Portuguesa a História, passando pela Matemática e pelas Ciências, que tornavam o processo de ensino-aprendizagem

uma viagem de descobertas e desafios. No Ensino Secundário, nova troca de escola, e desta vez, senti por parte da maioria dos professores, uma preocupação maior com os planos, as avaliações, a transmissão de conhecimentos. Ainda assim, continuei a gostar de estudar e aprender, incerta daquilo que faria no futuro. Chegada ao Ensino Superior, e num curso pouco conhecido que me aguçou a curiosidade, conheci o professor que até hoje e, quiçá para sempre, será “O” Professor. Pela sua extrema competência científica, pela relação pedagógica que estabeleceu comigo e pelo reconhecimento e estímulo das minhas capacidades enquanto estudante e, mais tarde, enquanto colega. Foi a pessoa que orientou a minha dissertação de mestrado, a minha tese de doutoramento, que me desafiou para projetos profissionais diferentes, que me ofereceu oportunidades, que confiou em mim e que sempre esteve presente para pensar em conjunto caminhos e aspirações. O professor só pode ensinar quando está disposto a aprender e sinto que com ele as minhas opiniões sempre foram consideradas válidas. Não me preparou apenas para a minha profissão, mas estimulou o meu pensamento crítico, a minha criatividade, a minha capacidade de resolver problemas. E não é esse o papel do professor? Ser um bom professor é também não se deixar acomodar, não deixar de criar situações empolgantes de aprendizagem, dar sentido e propósito à própria aprendizagem, e ele sempre foi um exemplo. Este professor era (é!) um professor profissional – cientificamente e pedagogicamente competente, mas preocupado com as aprendizagens dos alunos e que tenta mobilizar os seus contextos e interesses. A sua autenticidade, a capacidade de escuta e de clarificação de expectativas, a ética da responsabilidade e do compromisso, a capacidade de relação interpessoal, a exigência. Não posso esquecer a sua grande contribuição para o meu crescimento como terapeuta ocupacional, como docente, como investigadora, como pessoa nos últimos 15 anos. Porque este professor não se limitou à sala de aula – porque se preocupou, e se preocupa como um pai (ainda que científico!). William War disse “the great teacher inspire” e, na verdade, foi precisamente isto que este professor fez. Obrigada, Professor A. M.

5. Competência, exigência, simpatia, beleza.

Cátia, Professora, 44 anos

Competência, exigência, simpatia, beleza.

6. Miguel Leitão, um filósofo romântico que me inspirou a seguir filosofia

Carlos Café (Professor)

- Faça de conta que não está a falar comigo. Eu vou faltar à aula de Filosofia para o Café não chumbar por faltas e não ter de ir a exame – disse ele, com um “é um café curto, por favor” pelo meio, dirigindo-se ao empregado do Café Vitória. - Pergunte a outros professores se podem fazer o mesmo... – acrescentou, despercebidamente, antes de voltar para a mesa onde estava com outros professores.

A razão de ser desta invulgar sugestão conta-se em poucas palavras. Eu estava no então 7.º ano do liceu e tinha liderado a organização de uma tarde cultural para alunos da escola e apelado a que todos faltassem às aulas para participar ou assistir a um evento rebelde que, entre outras coisas, queria provar que os alunos podiam e deviam organizar coisas feitas por si e a pensar em si. A mobilização foi manifestamente eficaz, porque na tarde anunciada o cinema da vila estaria a abarrotar de alunos e alunas a mostrar os seus talentos ou a apreciar os dos outros, numa falta coletiva de escola que fez história em Tondela e moosa no meu cadastro disciplinar: cinco dias de suspensão decretados pelo conselho pedagógico, sem direito a contraditório...

Como eu, já nessa altura, valorizava imenso o lazer e aplicava com convicção a máxima “as faltas são para se dar”, estava “carregado” de faltas a algumas disciplinas e, apesar de ser um dos melhores alunos da escola, corria sérios riscos de não ser dispensado dos exames por ter anulado a matrícula a algumas disciplinas. Como ele faltou de propósito à aula durante a minha suspensão, eu pude dispensar de ir a exame a Filosofia.

O Miguel Leitão era assim: atento e solidário. Para nós, jovens adolescentes de Tondela, a sua entrada nas nossas vidas foi uma lufada de ar fresco. Tudo contribuía para esse deslumbramento. Os seus cabelos pretos e encaracolados, que se prolongavam naturalmente na barba, como um todo, davam-lhe um ar de poeta

romântico, num rosto onde habitava um sorriso permanente. Vestia com critério e elegância, num estilo diversificado e inequivocamente pessoal, uns dias de fato, outros assumidamente informal, com uma inseparável mala de cabedal a tiracolo e, nos dias mais frios, um capote alentejano que fazia dele, a par de mim e dos meus irmãos, uma das únicas pessoas em Tondela a usar tal adereço.

São inúmeras as recordações que tenho das suas aulas. Lembro-me do primeiro texto que nos deu para analisar e do entusiasmo que aquele exercício hermenêutico despertou em mim, retirado de uma obra de Antero de Quental cujo título fixaria para sempre: “Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX”. Tinha um especial prazer em ensinar Lógica e em fazer esquemas no quadro que, apesar de complexos, nos conduziam com eficácia na compreensão da matéria. Um dia pediu-nos que lêssemos umas provas de um seu livro didático, o que me deixou fascinado e agradecido por ter um professor escritor. Mais tarde, já como professor, vim a conhecer esse e outros manuais escritos por si para a ASA, de Psicologia e de Filosofia, e neles reconheci de imediato o estilo simultaneamente claro e esclarecedor, quase como se de apontamentos se tratasse.

Vim a encontrá-lo uns anos mais tarde no Porto, para onde tinha regressado depois de um ano em Tondela, de novo na sua escola de sempre, a Secundária Carolina Michaëlis. Teve a gentileza de me convidar para jantar em sua casa, na Miguel Bombarda, e emprestou-me vários livros para os primeiros tempos dos meus estudos em Filosofia no Campo Alegre.

A última vez que o vi foi já no Algarve, num hotel em Vilamoura, na única apresentação de manuais de que me lembro ter ido. Curiosamente, conhecia o meu livro que publicara na ASA e foi muito generoso nos elogios que lhe fez.

Agora, à distância, é curioso verificar que muitas das características que me fascinaram nele - a disponibilidade, a alegria e a simpatia, a preocupação em explicar a matéria de forma clara e atrativa para que todos a entendessem e, finalmente, a cumplicidade com a escrita a pensar nos alunos -, todas elas, dizia, são-me hoje atribuídas pela esmagadora maioria dos meus alunos e ex-alunos.

O meu percurso académico teria sido diferente se não o tivesse tido como professor? Não me parece, porque o prazer de pensar e de partilhar isso com os outros haveria de me conduzir inevitavelmente à Filosofia e ao ensino. Creio, no entanto, que

a feliz circunstância de nos termos cruzado em Tondela no meu 7.º ano de liceu contribuiu, talvez decisivamente, para que se tornasse mais claro em mim o entusiasmo que me tem acompanhado na minha carreira como professor.

Obrigado por tudo, Miguel Leitão! És, sem sombra de dúvida, o melhor e mais importante professor que conheci! Um abraço!

7. As suas aulas eram o ponto alto da semana. A escola podia ser outra coisa.

Carlos Rocha, professor, 59 anos

Era eu ainda demasiado um miúdo, um miúdo demasiado tímido, e desenhar era aquilo que eu fazia. Filho de militar de carreira, que nos levava com ele, assim se achava em zona de menor risco – mas como eu rapidamente iria aprender não há risco zero em guerra –, viera do mato, sim do mato e não de uma cidade, pequena que esta fosse, para o que me apareceu, então, como New York. Uma espécie de Mowgly, do *Livro da Selva*, de Rudyard Kipling, mas em savana e com cenário de guerra. Nos últimos dois anos, a última comissão em que acompanhamos o nosso pai, eu e a minha irmã éramos os únicos miúdos brancos.

O mundo a que chegava era cinzento e frio. Terá sido em 1972. Entrava na 4ª classe. Falava algo próximo do crioulo e escrevia ainda pior.

A minha 4ª classe foi cinzenta, é o mínimo que se lhe pode chamar. Os anos que se lhe seguiram também, entretanto acontecia o 25 de abril. Subitamente, a disforia que era a minha pequena realidade via-se assaltada. Há uma euforia no ar. Contagiosa.

É no Rainha Santa, já no 10º ano, que vou encontrar a professora que muda a minha vida, mas as coisas são sempre mais complexas. Na realidade, há três professores que tiveram grande importância. O primeiro, entra na minha vida precisamente em 1974. Professor de Moral, ex capelão miliciano no exército. Contra tudo o que então se podia esperar, as suas aulas são a primeira experiência que tenho de liberdade de pensamento, da possibilidade de uma aula ser um lugar de discussão e reflexão.

No dia 25 de abril, estava em aula de Moral, a primeira do dia. A certa altura, alguém aparece à porta da sala e o professor sai por um momento. Foi coisa de poucos

minutos. Quando volta a entrar estranhamos o seu estado. Ficou por um momento calado, um silêncio carregado que teve o efeito de nos emudecer. Depois falou, pausadamente. Que iríamos para casa, que não haveria mais aulas naquele dia. A euforia chegava, em força. Mas antes de nos deixar sair, queria falar um pouco connosco. Os corredores enchiam, ruidosos, à medida que as salas se esvaziavam; mas tivemos que esperar. Deu uma aula muito breve e cautelosa. A maior parte de nós não percebeu metade – percebê-lo-íamos depois. Mas ficámos a saber que acontecera uma revolução e o que era. Que tudo ia, naturalmente voltar ao normal e que não nos assustássemos, mas fossemos diretamente para casa. Pelo meio, falou de uma guerra que talvez deixasse de haver e que nem tudo o que parecia bom era bom e que nem tudo o que parecia mau o era de facto.

Há uma euforia no ar. Contagiosa. Para mim, havia uma revolução depois de outra. No espaço de dois anos aterrava num país de que mal me lembrava e esse país entrava em convulsão.

A segunda, uma professora de Português, tenho-a no 8º ano, no Aurélia de Sousa. Recordo que lia imitando vozes, a maneira como fazia de tudo uma história de contar, as dicas como ‘grave é cair de costas’. Sobretudo, depois da minha luta com a língua mãe, lembro aquele dia, já no fim do ano, em que sou dispensado do último teste. Ainda dava erros ortográficos, mas estava dispensado.

No fim desse ano, havia que optar. E desenhar era o que eu fazia, mesmo nas aulas. Fui transferido para o Rainha Santa que tinha então a sua primeira turma de Arte e Design. Continuei a não gostar da escola. Não esta ou aquela, mas a escola. Lá ia andando, o típico aluno de 3 a tudo, que aprendera a pôr o termómetro junto à lâmpada do candeeiro da mesinha de cabeceira. Mesmo Desenho, nada tinha a ver com o que é hoje. Curiosamente, nunca um professor de desenho fez parte da minha escassa galeria (tê-los-ia, já nas Belas Artes). Mas tinha pela primeira vez Filosofia e aquela professora que iria derrubar todo o meu mundo e por cujas aulas eu ansiava, como um bálsamo terrível. As suas aulas eram o ponto alto da semana. A escola podia ser outra coisa. Agora, como explicar isto? Como pôr em breves palavras tamanha importância?

Posso contar que, sendo nós uma turma de artes, quando demos Galileu tivemos duas aulas, espaçadas no tempo, com um desenhador de Banda Desenhada. A ideia era fazer uma Banda Desenhada de duas páginas. O enredo era nosso. O convidado

introduziu-nos à linguagem da Banda Desenhada (planos, pontos de vista, caracterização das personagens, etc.) e voltou uma semana depois para nos aconselhar perante o que até aí fizéramos. Mas isto é um *fait divers*, um bordado, coisa que pode abrilhantar estágios, o que não era o caso. Nunca são estas coisas que fazem um bom professor – a menos que ele já o seja. O importante foi que Aristóteles ou Galileu e os seus respetivos contextos ficaram claros e próximos para adolescentes. Mas também não, ainda não é isto o importante. A razão porque nunca esqueci aquelas aulas, nomeadamente as sobre os pré-socráticos ou as sobre Descartes é bem outra. Éramos postos a pensar com os autores e nunca nenhuma intervenção estava errada – havia sempre um ponto a partir do qual acertar os ponteiros. Incipiente que fosse, havia filosofia naquelas horas. Só isto. E sim, em mim pelo menos, havia encanto.

Posso ainda contar que um dia me convidou para ir ouvir Lawrence Ferlinghetti, o último poeta da *Beat Generation* ainda vivo – estávamos em 1978, e William Burroughs não era um poeta – a dizer os seus poemas à, então, sede de um partido político, que já não existe, na Praça da Liberdade. Mas isto depende muito dos olhos que ajuízam e pode inclusive ser mal visto. Endoutramento de jovens suscetíveis seria uma leitura fácil. Mas não, e este é, bem pelo contrário, um dos primeiros sinais de que estamos perante um bom professor. A atenção aos alunos.

Não sei como surgiu, já não recordo, muito menos o que ocasionou essa troca. Eu tinha subtraído um livro da biblioteca do meu pai – que curiosamente se lamentava de eu não ler. Era um livro de poesia da *Beat Generation*, com um longo prefácio contextual que li furiosamente. Daí ao Jack Kerouac foi um salto. Eu – sim, eu – era o puto subitamente extasiado com aquele misto de literatura e vida verdadeira, tal como na altura a podia pensar. Ela é apenas a professora certa. A pessoa que tem tempo para ouvir e a quem, já não lembro como, o contei. Uma oferenda que nunca pode ser perdida. Passado algum tempo, acontece Ferlinghetti estar no Porto, a ler os seus poemas.

Tudo o que sou hoje como professor, devo-o a estes Senhores. Esta última Senhora fez-me inclusive pensar em mudar de curso. Não o fiz, porventura erradamente. Mas sou hoje um leitor de filosofia. Coisa rara, sobretudo em tempos de aceleração como os que vivemos. Mas devo-lhe mais. Devo-lhe o que muitos têm por defeito próprio e que se me tornou feitio, já me tendo causado dissabores suficientes.

Nomeadamente, desconfiar de consensos fáceis e fazer sempre o esforço de olhar para um acontecimento do maior número possível de pontos de vista. Nunca considerar um adversário destituído ou louco, mas considerar os seus argumentos ou, não os havendo, ponderar as suas razões. Que nada é a preto e branco, que tudo no mundo está nos matizes. Que o mundo não é perfeito, mas que nós podemos fazer um esforço.

Não é pouco o que devo a estes Senhores, sou eu próprio quem em parte maiúscula lhes é devido. Nunca mais com eles me cruzei. Ainda não havia redes digitais.

8. Fez a diferença na minha vida

Cátia Lopes, Assistente operacional, 38 anos

A professora Carolina Sousa, no ano letivo 1994/95 deu aulas em Castelo de Paiva. Foi a minha professora de português... e que professora. Repleta de ternura, de afeto e sempre com uma voz doce. A professora via os alunos, olhava-nos e compreendia-nos. Difícil seria não gostar, não tinha como. Amiga, com muita vontade de ensinar e sempre atenta às nossas necessidades. Ao longo do ano tivemos uma biblioteca de turma, onde trocávamos livros que após serem lidos voltavam para a troca. No final do ano fizemos um sorteio e cada aluno ficou com um livro. Para além disso, permitia que duas alunas apresentassem regularmente miniteatros, preparados por elas para a turma. Estimulando assim a criatividade e a iniciativa. Tendo o ano chegado ao fim, nunca mais soube onde estaria. Sempre guardei o livro com muito carinho e questionava-me "onde estaria a doce professora Carolina" Este ano, como por magia, reencontramo-nos na escola onde é professora e eu auxiliar. Foi incrível, indescritível a sensação de perceber que era a "minha" professora Carolina. Fez a diferença na minha vida, esta professora foi parte do meu percurso, deu um excelente contributo para a minha vida. Para a minha formação pessoal e social. Um exemplo. Para mim ficou no coração, como a professora dos afetos.

9. A ele devo muito do que fui alcançando ao longo da minha vida

Eduarda Alexandra Carneiro, professora

Sempre que convoco o que de mais significativo ficou na minha memória, de tantos e tantos Professores que ao longo destes anos, povoaram os variados caminhos que trilhei no meu percurso académico, acabo sempre por esbarrar na personalidade daquele que decisivamente “tatuou” a minha cultura, ou parte dela e que considero a mais determinante da minha personalidade - refiro-me ao permanente desejo de conhecer novos livros e mesmo colecioná-los. Não será difícil perceber que falo de um Professor de Português ou Literatura ou Língua Portuguesa, como quiserem, com quem cruzei o meu percurso escolar nos já distantes anos 80 do século passado, quando entrei no então Liceu de Vila Nova de Gaia, hoje Escola Secundária Almeida Garrett. Trata-se de um Professor que vezes sem conta, ao iniciar a aula, afirmava perentoriamente que “Hoje não preparei nada! Não me lembrei nem estava bem disposto para o fazer!”, mas que no final de cada hora tinha acrescentado mais três ou quatro nomes de autores, que enchiam a minha cabeça e que desencadeava o desejo de rapidamente procurar as obras que ele referia. Recordo com nitidez – parece que estou a ouvi-lo – no início de uma aula em que mais uma vez “nada tinha preparado” e começou a declamar Régio e o seu Cântico Negro, deixando-nos a todos de boca aberta. Não eram só os poemas, ou os trechos que nos lia, mas era a forma como declamava e os dizia inflamadamente e apaixonadamente!

Depois de uma aula deste Professor, ninguém ficava indiferente à poesia que ele nos foi trazendo e dando a conhecer. Era também o Professor que “teatralizava” as suas aulas e que nos colocava no papel de “atores”, começando sempre pelos mais tímidos, os que se escondiam e que nunca falavam e ele ia buscá-los para cima do estrado. As minhas recordações mergulham, ou têm como raiz, a timidez e até a pequena autoestima que hoje reconheço ser umas das características da minha infância, mas a ele devo muito do que fui alcançando ao longo da minha vida. E também é a ele que devo uma parte significativa da minha forma de ser Professora pois apesar da minha área de intervenção ter pouco de “conversas”, eu privilegio sempre, nos primeiros contactos com os alunos, a recuperação e a participação dos que me parecem mais tímidos, menos socializados e principalmente aqueles que falam pouco ou quase não falam. É assim que tenho conseguido dar aos alunos muito

do que eles mais precisam e que é sem dúvida a nossa atenção. Para concluir esta simples homenagem, é altura de referir que este Professor, de uma grandeza proporcional ao seu tamanho físico (como era grande aquele homem!), se chamou Dr. José Sampaio, cujo nome e estátua foram colocados em sua homenagem, pela Câmara Municipal, no largo fronteiro à escola onde lecionou e onde eu fui mais uma das suas alunas, que nunca o irá esquecer.

10. Um Mestre

Eduardo Salcedas, Secretário de direção, 57 anos

O professor que mais recorde foi o Dr. António Montalvão Machado, na disciplina de Processo Executivo, na Universidade Católica do Porto. A forma como lecionava, dominando os assuntos, cativando os alunos, inculcia gosto pela disciplina e uma melhor apreensão do mais relevante! Um mestre!

11. O respeito que lhe tínhamos era sinónimo do quanto a admirávamos.

Fernanda Antunes, Professora, 4º anos

Sempre que me questionam sobre as pessoas que marcaram o meu percurso de vida, duas se destacam. A primeira, sem sombra de dúvida foi o meu pai. O meu pai era professor primário, um exemplo de conhecimento e pedagogia, um verdadeiro herói em todos os aspetos humanamente possíveis. Depois, havia a professora Maria do Céu Ferreira.

A Maria do Céu, permitam-me que a trate pelo seu nome, foi minha professora de língua portuguesa no secundário. Pequenininha, franzininha, de sorriso fácil e terno. Quando falava, ficava rendida à sua eloquência, à capacidade que tinha de nos transportar para outra dimensão na sala de aula. Mulher destemida, de fortes convicções e de uma paixão arrebatadora pela língua e literatura portuguesas.

Com ela aprendi a amar Cesário, Pessoa, Eça. Aprendi a viajar e a viver outros mundos. Nas suas aulas ninguém ousava conversar ou dizer graçolas. O respeito que lhe tínhamos era sinónimo do quanto a admirávamos. Era incansável na forma como

tentava encontrar pontes para nos aproximar do seu mundo, tentando sempre estimular o nosso espírito crítico, incentivando-nos a acreditar em nós próprios e nas nossas capacidades, enquanto alunos de português e enquanto seres humanos. A minha paixão pela língua rapidamente se tornou numa paixão pela escrita e pela leitura. Quando dei por mim, estava apaixonada pela paixão da Maria do Céu.

Um dos episódios que mais marcou a minha adolescência foi o do falecimento da minha avó materna. Estava nessa altura no 11º ano. Tínhamos um teste de português importantíssimo nessa sexta-feira de manhã e que, na altura, coincidiu com o funeral da minha avó. Pois a Maria do Céu permitiu que todos faltassem ao teste, gesto impensável e fora de todos os parâmetros de normalidade. Nessa manhã, ao entrar na igreja para um dos momentos mais difíceis da minha vida, estavam todos lá, a turma inteira, graças à generosidade e humanidade dela. Quando no regresso às aulas me viu, abraçou-me com força e disse-me simplesmente "Força meu anjo."

Foi graças à Maria do Céu que me tornei professora. Sempre quis seguir os seus passos, sempre ambicionei conseguir chegar aos meus alunos como ela chegou a mim. Ainda hoje me revejo em muitas das suas atitudes e postura dentro da sala de aula. Tento incentivar a busca da excelência a nível pessoal, não a competitividade desenfreada entre colegas. Também ela não permitia esse tipo de competição. Tento encontrar a melhor estratégia para motivar os meus alunos, guiando-os e ensinando-os a chegarem eles próprios às conclusões. Também a Maria do Céu estimulava o caminho individual da descoberta, o pensamento crítico. Tento mostrar que não existe o impossível, que todos podemos e devemos dar o nosso melhor, que por vezes o percurso pode ser difícil e tortuoso, tanto na aprendizagem como em tudo na vida, mas no fim de contas é a experiência, a viagem em si que conta. Ela nunca desistiu de nenhum de nós, sempre acreditou nas nossas capacidades e isso fez de nós alunos resilientes.

Reencontrei a Maria do Céu pouco tempo depois de terminar a faculdade. Por coincidência, estava a fazer um curso no local onde estava a trabalhar e qual não foi a alegria dela ao dar-se conta de que éramos agora colegas "Oh Fernandinha! Que orgulho!" Orgulho mútuo, professora. Obrigada por me ter dado tanto, partilhado tanto e por me ter ensinado tanto! Os bons professores existem, são maravilhosos e têm a capacidade de mudar as nossas vidas. Estão sempre lá, lutam ao nosso lado e nunca

desistem de nós. Espero que todos tenham o prazer e a sorte de ter uma Maria do Céu nas vossas vidas.

12. Tempos tão marcantes

Filipa Araújo, professora

No seguimento do desafio proposto “Da escola do inferno e da escola do paraíso”, fazendo uma retrospectiva, nunca mais me esqueço dos textos, excertos de artigos, bem como dos livros “Le Vendredi ou la vie sauvage” (Michel Tournier), “Le malade imaginaire” (Molière) que tive oportunidade de analisar, aquando das minhas aulas de Francês...Era uma delícia! Pois, tínhamos de comentar as leituras que fazíamos, sempre na Língua Francesa! (...) Não poderíamos proferir uma única palavra em Português... A vontade de ir para casa, nomeadamente nas férias intercalares, ler os livros e depois realizar os respetivos resumos e chegar à sala de aula e fazer a devida apresentação...sempre na língua, em causa, era uma ALEGRIA indescritível... Pois, está claro! Uma língua somente, se aprende falando, comunicando, lendo, exercitando...etc. Um dos textos que nunca mais me esqueço de analisar, indo ao encontro do “INFERNO” que estamos a vivenciar foi o “Acidente nuclear de Chernobil” e toda a conjuntura, consequências vivenciadas, sequelas (...) Todo o enredo à volta desta situação “monstruosa”, nunca mais foi esquecida...Porque tive oportunidade de ler, analisar, relativamente à problemática, em causa e depois dar uma opinião, argumentando com factos, em grupo turma, segundo as leituras realizadas... Para além desta atividade, também, no seguimento de todos estes momentos “horrendos”, nas aulas de História, aquando da lecionação da segunda “Guerra mundial” – andava eu, no meu 9º ano, o professor “estagiário” solicitou aos alunos que deveríamos ir ver, não obrigando não obrigando! (...), mas aconselhando vivamente a “A Lista de Schindler” (Steven Spielberg)...Assim, nunca mais me esqueço do sábado à tarde, na companhia das minhas amigas, a ansiedade de ver o tão aguardado filme sobre a “Segunda Guerra Mundial”, tão “publicitado”, pelo meu querido professor de “História”... Apesar de visualizar, cenas, imagens inacreditáveis, de tortura, infernais (...) que infelizmente, NUNCA MAIS ME ESQUEÇO!...Consegui perceber o quão HORRÍVEL foi a “Segunda Guerra

Mundial”... Para além de todas estas atividades, aprendizagens essenciais, relativas ao “Acidente nuclear de Chernobil” e à “Segunda Guerra Mundial” do meu ponto de vista enriquecedoras, deliciosas, paradisíacas, ao mesmo tempo “tristes”, paradoxais, tive oportunidade de as vivenciar, através de excertos de artigos, lendo e visualizando (...). Também, não me esqueço de todas as visitas de estudo que realizei, ao longo do meu ensino básico e secundário, a Conimbriga, aos Pirenéus...etc. Nessas noites, tenho de confessar quase não dormia! Pois, estava ansiosa pelo amanhecer, por conhecer e vivenciar todos esses momentos com os colegas da escola, não “negligenciando” dos momentos vivenciados com os colegas e professores, ao nível do “FARNEL” (...) Sem falar, da oportunidade que tive ao dramatizar (trajados a rigor) ilustrando as diferentes classes sociais, “Clero, Burguesia...etc”, no Museu dos Biscainhos, bem como os “Desfiles Carnavalescos”, onde tivemos oportunidade de criar, produzir as nossas indumentárias, e as experiências realizadas nos Laboratórios, ao nível da dissecação do “Coração do Porco”, onde a “Stora” dizia...”Se queres conhecer o teu corpo vê o porco!” (..) as células da casca da cebola, ao microscópio (...) as experiências Laboratoriais, nas aulas de Físico-Químico (Pipeta, reagente, soluto, solvente (...)) reações ácido-base...Ou seja, atividades, aos quais tive oportunidade de “EXPERIENCIAR, VIVENCIAR”...Nunca mais ficam guardadas no “BAÚ”, não cheiram a bolor! (...) Mas, sim, um Brilho, nos olhos, ao poder rever todas estas situações (...) Pois, mais uma vez, foi bem assimilado, através do “aprender fazendo”, refletindo, questionando, comunicando, argumentando “A voz das crianças e dos jovens na educação escolar” (https://www.cnedu.pt/content/deliberacoes/recomendacoes/Recomendacao_n._2_2_021_Voz.pdf) ... Neste sentido, para conseguirmos perceber melhor todos os conteúdos programáticos, aprendizagens essenciais, HÁ NECESSIDADE de LERMOS, PROBLEMATIZARMOS, REFLETIRMOS, ARGUMENTARMOS, VIVENCIARMOS e COMUNICARMOS...Pois, todas as aprendizagens deveriam passar pelo “APRENDER FAZENDO...VIVENCIANDO...VISUALIZANDO...SENTINDO” (...). Mas, por favor, não me façam lembrar do “INFERNO DOS EXAMES” e de alguns Testes... pois vivenciei, momentos de Muita Ansiedade, de Stress, angústia (...) Coitados dos meus colegas que ficavam, ao meu lado, fazia um barulho “ENSURDECEDOR”, com a caneta... Estes momentos, queria bem que ficassem no Baú...Para sempre...

13. É sempre com grande emoção que recordo os momentos vividos e partilhados com aquela professora extraordinária

Generosa Pinheiro, Professora, 50 anos

É sempre com grande emoção que recordo os momentos vividos e partilhados com aquela professora extraordinária que haveria de marcar a minha opção profissional e a forma como, hoje, me relaciono com os meus alunos. Passo, então, a apresentar a minha professora de Matemática do 8º e 9º anos de escolaridade, uma educadora exímia seja enquanto pessoa, seja enquanto profissional.

A sua entrada energética na sala de aula era a prova de que estava disponível para nós e tinha deixado todos os seus problemas no portão da escola. Nunca, em dois anos, a vimos mal-humorada ou a descarregar as suas emoções negativas dentro da sala de aula. A sua exigência académica era diretamente proporcional ao carinho com que compreendia as nossas dificuldades. Embora colocando desafios permanentes ao nosso raciocínio lógico, apoiava cada um conforme as suas necessidades: reconhecia, permanentemente, o trabalho dos mais audazes, mas valorizava, acima de tudo, cada conquista daqueles que mais dificuldades manifestavam na resolução dos problemas propostos. Os elogios eram sempre bem mais rasgados para quem as barreiras eram mais altas e o alvo mais difícil de atingir. Hoje, percebo que era uma visionária, que, há 30 anos, fazia diferenciação pedagógica e se adaptava ao ritmo de cada um, valorizando o esforço de todos.

Quando não correspondíamos às suas altas expectativas, não nos julgava, não nos censurava, mas parava o programa para conversarmos sobre a vida e a importância da escola. Conversas longas e inesquecíveis que, volvidos tantos anos, continuam a ressoar nos meus ouvidos como se tivessem sido proferidas ontem. No fundo, quando as coisas não estavam a correr conforme o previsto, a professora oferecia-nos um colo coletivo que nos dava alento no sentido de continuarmos a ter coragem para vencer os obstáculos seguintes. Desta forma, fez-nos perceber que aprender nem sempre é fácil, mas que, com compreensão, apoio e carinho, todos conseguimos chegar mais longe.

Mesmo quando as aulas eram expositivas, o tempo fluía porque havia uma paixão, na forma como transmitia o seu saber, que não deixava ninguém indiferente. Era uma explicação lógica e envolvente que ia implicando todos os alunos no raciocínio que

estava a ser seguido. Procurava, incansavelmente, uma construção coletiva de pensamentos, conduzida pela sua mestria e intuição irreprensíveis.

Enquanto diretora de turma, em momentos mais difíceis de conflito, tinha uma capacidade empática inusitada, procurando sempre perceber os dois lados e ensinando-nos que o diálogo, a reflexão, a compreensão e a compaixão são sempre os caminhos mais seguros na resolução de problemas relacionais.

Sem facilitismos, sem qualquer imposição de poder, sem nunca proferir palavras cinzentas, esta professora era uma verdadeira líder que sabia tomar decisões nos momentos certos, procurando mostrar, permanentemente, uma faceta positiva da vida, da escola e da aprendizagem.

14. Todos de uma forma mais ou menos relevante terão tido influência no meu modo de estar, na minha personalidade e na minha forma de viver.

Helena Silveira, Médica [50 anos]

Terão sido dezenas, os professores com quem me cruzei ao longo do meu percurso académico. Todos de uma forma mais ou menos relevante, e com um impacto diferente nas diversas áreas da vida, terão tido influência no meu modo de estar, na minha personalidade e na minha forma de viver.

Na impossibilidade de eleger um como o mais importante, destaco 3 que, em alturas diferentes e por motivos bastante díspares e até antagónicos, cunharam algo no meu modo de ser.

- 8º ano de escolaridade, a minha turma recebeu um professor de biologia acabado de sair da universidade, no seu ano de estágio. Um rapaz alto, espadaúdo, de sorriso largo e olhos escuros, que vestia calças jeans e camisa aos quadrados com os botões cimeiros abertos. Sentava-se em cima da secretária com um ar descontraído e com o livro na mão elencava e caracterizava os diversos sistemas do corpo humano. Aos olhos de todas nós, adolescentes em briga com as hormonas que teimavam em fazer-se notar, parecia um ator de cinema. A vontade de o impressionar era imensa, fosse nos trabalhos de casa, fosse nas notas do teste! E o sorriso que ele fazia quando nos chamava

pelo nome deixava-nos a sonhar com as histórias dos príncipes encantados que líamos em criança.

Numa das entregas de testes aproximou-se do meu lugar e entregou-me a minha prova: “100%, muito bem”. Sorriu e prosseguiu, sem sequer parar. Dei por mim a pensar como era possível, não ter tido outras palavras de elogio para com tão importante feito.

Antes de sair da sala, aproximou-se de novo do meu lugar e disse-me: estou contente pela tua nota, mas tu é que deves estar orgulhosa dela, foi o teu esforço e capacidade, e não te esqueças nunca de o fazer sempre só por ti, e não para agradar ninguém!

Partiu-me o coração, inocente e ingénuo, mas subtilmente fez-me ver que devemos ser sempre melhor por nós, e não para agradar nem conquistar alguém.

- 12^a ano, outra vez a biologia. Uma professora, mulher nos seus quarenta e muitos anos. Vestia inevitavelmente um tailleur de saia e casaco escuro, e usava uns óculos de massa que lhe preenchiam metade da cara. O cabelo era curto, mas armado, sempre irrepreensível, que por certo resultava de dormir sentada com os rolos colocados na noite anterior, para manter as melenas perfeitas. Era solteira, e fazia-se transportar pelos seus velhos pais num Fiat 127 amarelo-torrado, reconhecido por todos nos arredores da escola e pela cidade inteira.

Era uma mulher de fibra, inteligente e dedicada, por certo perdida e isolada na pequenez daquele seu mundo rodeado de mar. Com ela, ouvimos pela primeira vez a palavra frequência, que pronunciava com uma entoação distinta e com uma voz grave, mas muito projetada. Com ela aprendemos que o conhecimento não é estanque e que devemos procurá-lo em múltiplos locais, e de múltiplas formas. Habitados àquela “vidinha” de estudantes liceais, logo na primeira aula, nos fez perceber que os nossos hábitos estavam prestes a mudar, com a aproximação da entrada na Universidade.

Acabou com o tabu de um livro de texto por disciplina, e entregou-nos uma lista com mais de 10 livros de Biologia sugerindo-nos que estudássemos por eles em vez do manual indicado pela administração da escola. As suas aulas eram sempre muito interativas, questionava-nos muito, e queria sempre que justificássemos e fundamentássemos as nossas respostas e certezas. Durante aquele ano preparou-nos para a entrada no mundo adulto da Universidade, fosse estimulando-nos a alargar os

horizontes por nós próprios e inculcando-nos o hábito de questionar o conhecimento instituído, fosse nas intransigências em alterar as datas do teste a nosso pedido por pretextos ridículos de festas de finalistas, ou reduzindo o nosso ego ao básico quando nos enchíamos de orgulho por uma nota mais elevada, dizendo que na universidade todos seriam os melhores alunos de cada liceu.

Foi ela que, “academicamente” me abriu as portas do mundo adulto.

- 3º ano da Faculdade, a professora regente do “cadeirão” Medicina Interna, era uma experiente senhora já com muitos cabelos brancos, cortados retos pelos ombros, com uns olhos verdes muito meigos, mas tida como uma das mais exigentes e rígidas professoras de toda a universidade

Logo na primeira aula desarmou um colega mais afoito que do alto dos seus 24 anos e empoderado por ser o único rapaz numa turma de 15 miúdas, se queria destacar pela esperteza e sentido de humor.

Disse-nos a professora, que “no seu tempo” as raparigas iam para a Faculdade de Medicina para arranjar um marido, e que mal arranjavam namorado desistiam logo do curso. O Xico, não esperto, mas ousado, perguntou-lhe no tom mais sério possível, o que lhe tinha acontecido a ela, naturalmente não disfarçando o sorriso trocista.

Respondeu-lhe prontamente que tinha procurado e encontrado um marido, sim, mas por amor e não por estatuto, e que este tanto poderia ter sido médico, trolha ou até bandido!

O exame daquela cadeira, era como tantos outros uma prova oral e chegado o dia, no fim do semestre fui alertada pelas colegas de turma para evitar um ar demasiado descontraído, e adotar uma postura rígida e séria, e de todo evitar mostrar o lado mais irreverente e relaxado que todas sabiam me caracterizava e já por algumas vezes me tinha feito navegar águas mais turbulentas com alguns professores da faculdade.

Acatei os conselhos, sentei-me na cadeira muito esticada, numa posição até bastante desconfortável, muito reta com as mãos entrelaçadas no colo, e fui respondendo às várias perguntas que me fez numa voz fraca e pouco projetada, levantando os olhos do chão apenas uma ou outra vez no final da resposta, e sobretudo nunca interrompendo, nem contrapondo a professora, nem mesmo quando criticou um dos relatórios clínicos que eu tinha apresentado, baseado num artigo muito recente

duma revista americana, mas que não estava em conformidade com a corrente mais conservadora europeia sobre o tratamento da insuficiência cardíaca.

No final do exame mandou-me levantar, olhou-me com um ar muito crítico de alto a baixo e proferiu a sua sentença:

“Sabes minha querida, tu até sabes umas coisas desta matéria, és esperta e inteligente, mas tens de mudar esta atitude subjugada e de reverência, e mostrar garra por aquilo que fazes e naquilo em que acreditas.

O mundo já é bem difícil para as mulheres, e com esta postura submissa não vais a lado nenhum!”

Este episódio deixou-me bem claro que, deixarmos de ser como somos para agradar, impressionar ou tirar partido de uma situação, é sempre a pior escolha, porque uma atitude genuína, mesmo que pouco ortodoxa é sempre a mais verdadeira e aquela em que conseguimos ter mais credibilidade.

15. Querida Professora Fátima!

Isolina Jorge, Professora, 56 anos

Minha muito querida professora Fátima, espero que esta Carta te vá encontrar de perfeita saúde e muito feliz, que continues a ser essa pessoa cativante, alegre e extraordinária que me conquistou. Encontro-me aqui hoje, nesta tarde soalheira de junho, a candidatar-me à universidade, refletindo sobre o curso que quero e como tu estás a ser a inspiradora da minha escolha, Ser Professora de História. Nesse contexto, resolvi escrever-te esta carta dando-te conta da importância que tiveste/tens na minha vida geral e na escolha da minha profissão em particular. Desde a primeira aula, naquele já longínquo ano de 1978, era eu uma criança, me deixei encantar pelos teus meigos olhos negros, pela candura e firmeza da tua voz, pelo abraço seguro e carinhoso, pelo modo como impunhas as regras. Me encantava a forma com te dirigias aos alunos, as curiosidades que nos trazias. Apreciavas os “testes” que fazia para os colegas, incentivas-me a participar, a ultrapassar a minha timidez. Desenvolveste em mim a vontade de ser Professora de História. Esse sonho será uma realidade que eu sei que vai durar toda a minha vida ativa. Contagiaste-me com a tua paixão de “Ser Professora “. Obrigada por teres acreditado em mim, quando eu própria não acreditava. Obrigada por

me teres visto, acima de tudo, como pessoa e não um número. Foste um exemplo de pessoa e professora, uma inspiração que sempre soube me motivar para aprender, despertar a minha curiosidade, desenvolver os “porquês”, o gosto pela leitura e a vontade de saber mais. Tu foste aquela que me mostrou que professor é aquele que nos dá uma razão para aprender, que nos incentiva a procurarmos as nossas respostas. Não me deste o peixe, mas ensinaste-me a pescar. Contagiaste-me com o teu amor em SER Professor. Marcas-te a minha vida de modo indelével. Ensinaste-me que nem sempre é por meio das palavras que aprendemos. A ética, a generosidade, a amizade e a humildade são exemplos de atitudes e qualidades que se veem nas ações, e que ficam de exemplo e inspiração e tu foste um modelo, uma referência. Aprendi contigo que o meu único limite sou eu mesma. Que ninguém é maior que o meu sonho. Que depende exclusivamente de mim ter a coragem de assumir o que quero. Foste ainda alguém que me fez repensar o meu lugar no mundo e a importância do meu modo de estar na vida. Que o teu brilho continue a iluminar muitas mentes e muitos corações como iluminaste o meu. Julgo, para terminar, que esta carta é a oportunidade ideal para te agradecer tudo o que, sem saberes, fizeste por mim, a importância que tiveste nesta escolha que irá marcar o meu futuro profissional e com isso a minha vida. Esta carta é uma ode que te dedico. Continua assim professora. Termino desejando-te tudo de bom que a vida tiver para te dar. Um xi apertadinho.

16. Lembro-me do professor da primária que puxava sempre por nós e nos fazia ser melhores.

Joana Frade, Gestora de Recursos Humanos (39 anos)

Este é um texto sobre professores e é acima de tudo, um texto sobre pessoas!!

Na nossa vida temos sempre aqueles seres que se distinguem dos outros e as razões podem ser diversas... Carisma, Dedicção, delicadeza, atitude ou mesmo presença. É sobre esse tipo de pessoas que vos quero falar...

O objetivo seria escrever apenas sobre um professor que me marcou e o porquê. Podia fazê-lo mas sinceramente não quero, prefiro falar de várias pessoas que foram

meus professores ao longo da infância, adolescência e idade adulta e que além de me ajudarem a ser quem sou, me transmitiram valores e ensinamentos que carrego comigo.

Lembro-me do professor da primária que puxava sempre por nós e nos fazia ser melhores. Lembro-me de estar no secundário e ter professores que se preocupavam com o meu bem estar e dos meus amigos. Que apesar de rígidos e exigentes, tinham sempre uma palavra amiga.

Já na faculdade tive professores muito práticos que me mostraram que devemos ser pragmáticos e descomplicados. E até na idade adulta, tive professores que se distinguiram pela forma atual e realista, utilizando exemplos, para podermos colocar em prática na nossa vida profissional.

Se me perguntarem se sempre os vi desta forma, tenho de vos dizer que não... nem sempre tive a maturidade de os entender e perceber como pessoas que estavam ali para nos ajudar mas felizmente hoje, consigo ter uma noção diferente e acima de tudo sentir-me grata por me lembrar um pouco de cada um deles.

Espero que acima de tudo, vejam sempre primeiro as pessoas, além de verem os profissionais.

17. Comunicação, conhecimento e empatia.

João Guerra, Professor, 31 anos

[Nota do editor: este texto resume-se à trilogia do título]

18. Sabia que tratar de forma igual o que é diferente não era justo.

João Rodrigues, Gestor hospitalar, 34 anos

Já passaram vinte e três anos desde o último abraço na sala de aula, aquele abraço de quem me lançava para um novo mundo, aquele abdicar de uma criação que tinha sido lapidada nos quatro anos anteriores.

Vinte e três anos passaram e, ainda hoje, aos olhos dela, a criança não cresceu e merece o mesmo carinho e preocupação que dela recebeu nos anos 90.

Muitos outros professores, dignos de memórias honrosas e inesquecíveis, ter-se-ão cruzado no meu caminho. Cruzaram-se, certamente, e recordo-os! No entanto, a

pessoa que se cruzou com todos esses de que me recordo, e com outros tantos que o tempo apagou pelo desinteresse ou meramente por ação da memória seletiva, não era a mesma pessoa que havia entrado pela primeira vez naquela sala de aula daquela professora em 1994.

Construía-se um pequeno ser pensante dia após dia. Paralelamente à educação e formação do lar, na escola, era com ela que os costumes e boas maneiras eram praticados e treinados. O humanismo pautava a forma como se dirigia a todos e lidava com todos de forma equitativa, pois sabia que tratar de forma igual o que é diferente não era justo.

Fez com que, no fim daqueles quatro anos, todos sássemos, como pessoas e como estudantes, mais nivelados do que havíamos entrado. E nivelados por cima!

Exigia o rigor e a disciplina com base nos métodos que considerava certos, fossem eles apreciados por nós ou não, e via no nosso sucesso a razão de se levantar cedo todos os dias.

Quanto a mim, e naquilo que só eu experienciei, levou-me durante um ano a almoçar a sua casa todos os dias. Nesse ano não era possível aos meus pais, por razões profissionais, estar comigo no horário de almoço e durante um largo período da tarde, – Sim, nesse tempo não havia cantinas em todas as escolas e as aulas eram apenas das 08:00h às 13:00h, sendo a tarde destinada à brincadeira.- e a primeira pessoa a oferecer-se para tomar conta de mim nesse ano foi precisamente aquela que já me aturava durante todas as manhãs. A mim e a mais uns quantos como eu.

Para além dessa disponibilidade imensa, que tinha não só para mim, mas para todos os meus colegas, tinha também reação rápida perante adversidades. Lembro de, não poucas vezes, ter arrancado no seu carro a toda a velocidade para levar algum dos seus Enfants mais ou menos Terribles ao hospital, porque achava que a espera pela ambulância não era digna para os seus pequenos. Também eu experimentei algumas vezes esse INEM improvisado.

Ainda hoje guardo como troféu todos os presentes que recebi por pertencer ao quadro de honra, por estar doente, por ser fim de ano, por ser início de ano, ou por outro qualquer motivo que se lembresse. Presentes que lhe saíram do bolso para nos encher o coração e o ego.

Maria Emília Lobo Gomes, já se passaram vinte e três anos, mas aqueles quatro, aqueles tão importantes quatro anos, gravaram este nome não só na minha memória, mas em tudo o que hoje construo, porque nós somos a soma (melhorada) das partes que nos construíram e esta foi uma parte enorme.

19. Um relâmpago na nossa adolescência, a Manuela

João Teixeira Lopes (Professor)

No primeiro dia de aulas, no já longínquo ano de 1983, a professora de português perguntou-nos o que tínhamos lido nas férias. Eu respondi: “Os Pescadores” de Raúl Brandão e poemas de Eugénio de Andrade. Ela ficou de olho em mim e eu de olho nela. A Manuela.

Falava muito de Baltar, onde iniciara a sua experiência docente, e de como era importante chegar aos alunos através dos seus saberes (práticas, objetos, textos), neste caso encravados na mundividência e no labor rural. Não ligava muito à ordem rígida dos programas; às vezes calçava um sapato de cada nação e tinha por hábito deixar o carro aberto para podermos usufruir do seu abrigo nos intervalos.

Incitava-nos a ler e a escrever, chegando aos outros pelas palavras. Entusiasmava-nos para fazermos exposições onde uníamos os textos às artes plásticas. Um relâmpago na nossa adolescência, a Manuela, num liceu fortemente dividido por classes e onde criávamos aqueles frágeis pontos de encontro. Sou amigo dela desde então e tive o imenso gosto de apresentar vários dos seus livros de poesia.

A Manuela tem sofrido muito, quer com a sua doença bipolar, quer com a morte precoce de marido e filha. Mas resiste, escrevendo. A poesia é a sua maneira de continuar viva. Chama-me ternamente o seu “terceiro filho”, pois teve dois biológicos e “adotou-me” a partir daquele 9º ano.

Então, tudo iniciava sem mácula e todos os dias acordava com uma indomável vontade de ir para a escola. A vida era lá.

20. Como um professor marca a diferença - O trabalho da disciplina de construções

João Rangel, Agente de Seguros [42 anos]

Na semana de recepção aos caloiros a azáfama é total, não dá tempo para nada. Entre jantaradas e festas, o tempo escasseia.

Mas o professor de construções tinha mesmo que marcar aquela entrega! Que disparate, desenhar pormenores de caixilharias de madeira de uma janela! Para quê perder tempo com estas coisas, que quando acabarmos o curso de Arquitetura, lá fora no mundo real, temos empresas com cd's onde apresentam todo o tipo de desenhos possíveis e imaginários de todas as hipóteses de representação de janelas, e agora só se vêm janelas de alumínio!

Pois bem, o dia estava a chegar e a entrega tinha de ser feita, queríamos todos passar de ano.

Durante o jantar no ponto de encontro habitual, chegou a mensagem em surdina de que o pai da Ana era Arquiteto, e ela já tinha tudo pronto para a entrega do trabalho.

Foi então que se desencadeou um movimento entre os mais dinâmicos, de forma a negociar com a Ana uma forma de partilhar o seu trabalho.

Manel, o mais hábil e ambicioso daquele ano, entrou em cação. Depois duma breve, a Ana cedeu os seus desenhos e foi a verdadeira “candonga” no centro de cópias.

A Teresa desenhava rótulos em papel branco, a Maria desenhava as legendas, o Artur colava com aquela perícia que lhe é característica, e claro, o Zé encaixava o material na fotocopadora.

Foram duas horas de pura azáfama, mas de pleno sucesso. A turma do 1º ano estava livre para aquele jantar que ia acontecer no jardim da Cordoaria.

Grande noite foi toda a turma!

No dia seguinte de manhã na aula das 9.00h, foram chegando um a um, todos com aquele ar de que deviam um par de horas á cama.

Era a disciplina de construções, com aquele professor simpático, mais velho, de olhar maduro e afável.

Ficou todo satisfeito, pois todos tinham um dossier para lhe entregar!

O Manel com o seu ar galanteador, irradiava satisfação, tinha ar de missão cumprida, a Ana que era uma rapariga tímida e discreta, estava tão orgulhosa pois sentia-se a responsável pelo sucesso de toda a turma; a Teresa, a Maria e o Artur com um ar confiante resultado do seu trabalho de equipa, e toda a turma irradiava cumplicidade.

Na semana seguinte, já todos recompostos das atividades académicas, chegou a aula de construções, o dia em que o Professor fazia uma análise crítica do resultado da entrega.

Foi então que o inesperado aconteceu.

O Professor, que era tão simpático e afável estava com um semblante carregado, triste e desiludido.

Na sala de aula começou a sentir-se um ambiente estranho, sem ninguém saber o que se estava a passar, a luz da sala ficou cinzenta, desconfortável e fria. Foi então que começou o discurso do Professor:

- “Meus caros, depois de uma breve análise dos vossos desenhos, ou seja, de 30 dossiers, fui capaz de chegar à triste conclusão; de que apenas um é verdadeiro, todos os outros são cópias. Não vou ser eu a identificar o autor, mas sim fico a aguardar uma reflexão séria e honesta da vossa parte. Estamos no 1º ano de um curso de Arquitetura onde ainda vos faltam mais 5 anos de um longo percurso. Se a escolha é pelo caminho mais fácil, então digo-vos que conseguiram atingir os objetivos, mas se no entanto procuram um caminho de verdade, respeito e reconhecimento dos valores, então escolheram o caminho errado.”

Toda a turma estava gélida, atónita e envergonhada.

Nesse mesmo instante o João levanta-se e recolhe o seu trabalho, que estava em cima da secretária, pede desculpa com um olhar de esguelha. Quando o João se volta para o seu lugar vê os seus colegas repetirem-lhe o gesto, um a um. A Ana foi a última a levantar o seu dossier, mas a Teresa pediu licença aos colegas e disse em vos alta:

- “Este trabalho pertence à Ana.”

O Professor, sem criar conflitos nem discussões foi capaz de nos tocar através do seu discurso, aceitando e agradecendo o nobre gesto de reconhecimento de todos, e tornou-se naquele confidente durante todo o longo e árduo percurso do curso de Arquitetura, proporcionou tertúlias e tardes de trabalho no seu gabinete particular.

21. Guardo memória de bons professores do liceu

José Ramiro Pimenta, Professor, 54 anos

Guardo memória de bons professores do liceu. Na universidade convivi com dois ou três excepcionais, raros medianos e a maioria desinteressantes. A experiência mais marcante terá ocorrido no penúltimo ano do liceu, mas é dotada de alguma ambiguidade. Era um professor extraordinário, que não punha limites aos temas que abordava com os estudantes. Procurei-o um dia em sua casa, afligido por uma adolescente e aguda preocupação. Disse que apenas conversava com os estudantes na escola: lá teria razão.

22. Uma professora de uma generosidade tremenda e que nos incentivou a fazermos os nossos próprios projetos

Lídia Queirós, Programadora de cinema, 34 anos

Como pessoa com uma fraca (e seletiva) memória, julgo ser bastante revelador ainda me lembrar, aos 34 anos, de muitos dos professores que acompanharam o meu percurso escolar. Apesar de não ser filha de professores, sou neta de dois e cresci rodeada de tias professoras – por quem tenho a maior admiração – pelo que assumo, desde já, alguma parcialidade. Reconhecer o privilégio que é ter um bom professor foi algo que aprendi logo em menina, quando aos 6 anos conheci a D. Evelina, a minha professora primária com décadas de experiência e que se reformou quando acabei a 2ª classe. Receosos, na altura, tememos o pior, pois ninguém poderia substituir a nossa primeira professora. Mas logo as aulas recomeçaram e conhecemos a D. Teresa, que rapidamente nos fez perceber que mais excelentes professoras e professores haveriam de se cruzar connosco ao longo da vida.

Uma outra recordação de criança, algo que na altura me entusiasmava e intrigava, era conhecer antigos alunos, de várias gerações, que falavam dos meus avós professores com o maior carinho. Era demasiado nova para saber que viria a sentir o mesmo. Ainda hoje me cruzo com pessoas que me dizem, com um sorriso, “fui aluna do Sr. Queirós” ou “fui aluno da D. Marieta”, e percebo o quão importantes foram na formação das suas identidades. De múltiplas formas, a minha também foi sendo construída devido à

presença de bons professores em todas as fases da infância e adolescência, que continuamente me desafiaram e incentivaram a crescer. Guardo muitas e queridas memórias das professoras e professores dos meus anos de ensino básico em Aldoar, que viram acrescida à tarefa hercúlea de ensinar, no seu sentido mais lato, uma outra de igual dificuldade: lidar com as nossas mais variadas dores de crescimento e dramáticas personalidades. No meu caso, durante esse tempo quase sempre desculparam ser uma faladora inveterada; alguns anos depois, já na faculdade, desculparam quando às vezes adormecia na aula da manhã, após as primeiras diretas a trabalhar (entre outras coisas próprias de quem tem 18 anos). Foi por esta altura que tive o prazer de ser aluna da professora Alexandra Serapicos que, de forma menos convencional do que o habitual, nos ensinou a ver cinema, cruzando-o com outras artes e ideias. Uma professora de uma generosidade tremenda e que nos incentivou a fazermos os nossos próprios projetos. Enquanto outros nos viam como adolescentes, ela viu em nós os adultos em que nos iríamos transformar – foi o início de uma amizade que ainda hoje se mantém.

Anos mais tarde fui professora numa escola profissional. Apenas durante um ano pois apesar de ter gostado muito da experiência, e principalmente dos alunos, percebi que para se ensinar é preciso, para além de uma vocação, uma enorme dedicação e perseverança. Quando me lembro deles penso se algum dia se lembrarão da professora Lídia, ou de um filme mostrado que tenha provocado uma paixão pelo cinema – basta um e já terá valido a pena.

23. Tive a sorte de conhecer bons docentes e aos quais devo muito do que hoje sou como profissional e (talvez mais) como pessoa

Liliana Coelho Morais, Psicóloga, 40 anos

Tenho quarenta anos de idade e ainda não deixei de ser aluna. Ou porque dedico eterna reverência aos professores que tive, ou porque continuo em processo de formação contínua e com a certeza que morrerei sem ter aprendido tudo o que queria. Escolher um único professor é uma tarefa impossível, tive a sorte de conhecer bons docentes e aos quais devo muito do que hoje sou como profissional e (talvez mais) como pessoa. Talvez seja mais fácil salientar as características que partilhavam e que, na

minha opinião, fazem deles modelos de referência. Entre muitas outras, salientaria a proximidade, a descontração, a assertividade e o humor. Aprendi muito mais com os professores que sabiam o meu nome e as minhas idiossincrasias de cor, que me faziam sorrir e que comunicavam sem sobrançeria, do que com todos os outros. Lembro-me até hoje da minha professora primária que por ser fã do Herman José nunca terminava o dia sem fazer a turma toda rir mas quando ralhava ninguém tinha coragem de a olhar directamente nos olhos. De uma professora do liceu que passava alguns intervalos a conversar connosco (alunos) sobre trivialidades e mesmo assim era das que mais respeitávamos. E até de um professor da faculdade que era tão engraçado que por vezes não percebíamos bem se estava a brincar ou a falar a sério, e no entanto leccionava uma das cadeiras mais difíceis do curso. Eram também estes que conseguiam captar melhor a atenção dos todos e que tinham uma taxa de sucesso mais elevada, porque quando se cria um vínculo com os alunos, estes respondem com mais qualidade. Acho que a assertividade é fundamental e talvez a mais desafiante de gerir. É um equilíbrio difícil conseguir ser exigente e compreensivo, ou exercer autoridade com afecto. Sempre achei que para ser professor/a não basta ser mestre na teoria que se ensina, mas possuir vocação para transmitir conhecimento. O gosto pelo ensino sente-se e traduz-se em marcas que se deixam nos alunos. Quando era criança fui a um almoço num restaurante cheio de gente adulta que nunca tinha visto e que insistia em rodear o meu avô como se ele fosse realza, percebi depois que eram antigos alunos dele. Homenageavam o professor primário que apesar de lhes ter batido com a palmatória era muito conhecido por contar anedotas. Apesar de sempre ter sonhado em ser professora, sou psicóloga e sei que este avô marcou a forma como olho para o ensino, mas na minha prática com adolescentes imito estes meus professores e constato diariamente que é uma fórmula que funciona (excepto a parte da palmatória).

Reconheço actualmente muitos obstáculos e até riscos no exercício da docência que não tinham espaço no meu tempo, mas por outro lado há também um vastíssimo leque de instrumentos e meios disponíveis que outrora seriam utópicos. Nunca deixará de ser a profissão que antecede todas as restantes, a matriz pela qual as outras se guiam e esta responsabilidade deveria ser sempre reconhecida e celebrada, como fizeram aqueles homens e mulheres ao professor da aldeia. Na minha prática profissional identifico muitas situações em que a intervenção do professor/a foi determinante para

o futuro de alguém; na escolha da profissão, na forma como percebem o mundo ou como vivem a escola, e muitas vezes (muitas mesmo!) como o elemento dá o primeiro sinal de alerta da situação de perigo que identificaram no aluno/a e/ou na sua família. Há muitas vidas que se salvam porque uma criança ou jovem confiou no professor/a ou porque um educador/a estava mais atento/a ao seu/sua aluno/a. Não sei se era um texto assim que pretendiam, mas aqui fica a minha modesta contribuição e inteira disponibilidade para outras actividades similares. Votos de muito sucesso.

24. Foi na primeira aula que percebi que a sua disciplina seria um desafio

Luís Miguel Marcial, estudante, 21 anos

Reside na minha memória o exemplo do que um verdadeiro professor deve ser. Com estas palavras refiro-me à incrível professora e amiga Patrícia Baltazar, docente na Escola Michel Giacometti da Quinta do Conde, onde estudei nove anos e nos últimos dois tive a oportunidade de com a sua metodologia imenso aprender. Devo dizer que a professora Patrícia foi imensamente marcante no meu percurso académico, se hoje consigo bons resultados através de um método de estudo eficiente é porque o iniciei na disciplina de História do décimo primeiro ano. Foi na primeira aula que percebi que a sua disciplina seria um desafio ao qual não estava habituado até então, pensei para mim mesmo “é possível estar tão errado em algumas das minhas participações num tópico que pensava ter facilidade?” o motivo de tal pensamento surge a partir da nova premissa de respostas objetivas, utilizando palavras-chave e terminologias concretas para que, como diria a professora: “fosse possível demonstrar no exame nacional, o nível de cientificidade exigido”. Percebi ao longo desse ano que estava enganado, era como uma “faca cega que estava por afiar”, e nesse âmbito a professora não foi a barreira que imaginara, pelo contrário, foi a ponte para simultaneamente progredir e alcançar o próximo patamar como estudante e ser humano. O nível de dificuldade da sua disciplina foi uma bênção para a turma inteira, uma vez que, dando razão ao seu argumento principal: “se conseguem obter boas classificações nos testes da professora Patrícia, então o exame será fácil, e estudam tudo o que foi lecionado nas aulas pois no exame não sabem o que sairá em concreto”. Hoje, frequento o 2º ano da licenciatura em Relações Internacionais na Universidade do Minho, e estou extremamente grato por

ter sido confrontado com esta realidade ainda no ensino secundário, pois foi crucial para uma boa integração no ritmo de ensino do ensino superior, consegui evitar o “choque” para o qual a professora tanto alertou. No entanto, a gratidão que reside no meu âmago vai para além das aulas e a relação pedagógica é metade deste todo que me despertou um fascínio para aquilo que é a importância da educação. Foi através da recomendação da professora Patrícia Baltazar para a participação num projeto Erasmus+ que tive a experiência que moldou a pessoa que sou e a escolha do meu futuro académico e um dia profissional, recordo o “com pouco fizemos muito”. Percebi que um professor carrega consigo tanto o peso de ensinar os futuros líderes da sociedade moderna como o poder para orientar os seus corações para o sucesso e humanidade dos quais o mundo carece. Pelas palavras da professora: “vomitar matéria?”. Não, aprender é a dádiva de resolver incógnitas por força da curiosidade. Ensinar? É ver nas novas gerações parte daquilo que somos e sentir felicidade ao ver o crescimento dos sonhadores. Ver no futuro os frutos do sonho que ajudámos a cultivar, e tal é o trabalho de uma vida, o que nos faz acordar para mais um dia de aula.

25. Um Mestre

Maria Antónia Magalhães, Professora, 65 anos

O professor que mais recordo foi o Dr. António Montalvão Machado, na disciplina de Processo Executivo, na Universidade Católica do Porto. A forma como leccionava, dominando os assuntos, cativando os alunos, incutia gosto pela disciplina e uma melhor apreensão do mais relevante! Um mestre!

26. Disse para me sentar na secretaria dela e foi a partir daqui que tudo mudou

Norberto Augusto, gestor, 25 anos

Sempre fui um aluno mediano a história, com pouco gosto pela Unidade Curricular e isso verificou-se no décimo ano quando acabei o ano com 7 e fiquei, imediatamente, proposto a exame de 12º para ficar com a Unidade Curricular completa. No 11º ano, isto

mudou. Comecei por falar com a professora Patrícia Baltazar para saber se era possível assistir às aulas mesmo já estando proposto a exame e sabendo que as minhas avaliações durante os períodos não iam valer de nada e a professora demonstrou logo interesse em ajudar. Admito, desde já, que era um pouco falador e, para meu espanto, a professora numa das primeiras aulas disse para me sentar na secretaria dela e foi a partir daqui que tudo mudou. Inevitavelmente, tinha de estar com atenção às aulas se não levava com um olhar da professora que até me arrepiava, fiz na mesma as avaliações e a professora deu-se ao trabalho de as corrigir mesmo não contando para nenhuma nota e o facto de insistir tanto comigo, deu início ao bichinho da história, ao interesse e ao querer saber mais sobre tudo! Claro que a insistência da professora sempre foi um fator essencial para despertar este interesse e, sendo a única Unidade Curricular que deixei para trás no 10º, seria de esperar um pouco mais de desânimo ou desinteresse, mas era a que eu mais ansiava e mais me esforçava para demonstrar que a insistência da professora iria valer a pena. Claro que valeu e já não me recordo da nota, mas sei que passei à primeira no exame! Nos intervalos era sempre uma festa quando a turma encontrava a professora e havia sempre tema de conversa para o inteiro. Hoje em dia estou a acabar um Mestrado na área de Contabilidade e Finanças, e apenas com a dissertação para entregar, claro que o tema tinha de passar por história: "A história da Contabilidade no Mosteiro de Alcobaça no século XVIII". Escusado será dizer que ainda mantenho contacto com a professora e que tem sido uma mais-valia na redação da tese! Há mais professores com tanto carinho pelos alunos e amor pela profissão! Obrigado, professora Patrícia Baltazar.

27. Passava um entusiasmo genuíno pelos conteúdos que ensinava e sorria de satisfação quando discorriamos na direção certa

Katia Castro Lopes, Advogada, 45 anos

O professor que aqui recordo mudou completamente a forma como me relacionei com a História, a partir das primeiras aulas a que assisti. Estava no 7.º ano de escolaridade, em 1973, vinda de imersões prolongadas em banhos de datas, batalhas, nomes, tratados, que sabia de cor, mas não urdiam qualquer tecido colorido no meu

imaginário. Na primeira aula, tratámos da fundação da nacionalidade e o Professor Hespanha falou-nos de vários documentos que forneciam informações muito interessantes sobre o assunto, de certa forma, subvertendo o que tinha aprendido até aí, levando-nos a compreender a importância da consulta de fontes diversas e da leitura de documentos, do fabuloso arquivo da Torre do Tombo. Em suma, deu início a um processo de descoberta das histórias que a História pode contar. Ouvia as nossas questões e os nossos comentários com a inteligência e a tolerância dos sábios. Penso que queria, numa primeira fase, fazer-nos entrar no mundo que a História representava para si mesmo e estimulava a construção das hipóteses que, frequentemente, seriam inusitadas, mas nunca ridicularizava uma participação, outrossim, orientava-a para o rumo certo. Passava um entusiasmo genuíno pelos conteúdos que ensinava e sorria de satisfação quando discutíamos na direção certa. Tenho imagens vívidas das aulas sobre as teorias da guerra justa, sobre os contributos filosóficos saídos da universidade de Salamanca para legitimar a matança que a Espanha levou a cabo na América do Sul e assentou bem à portuguesa "conversão" dos índios no Brasil. Eu tinha 17 anos, frequentava a alínea de Filologia Germânica e tentava ler, mesmo em espanhol, os textos que me emprestava. Já aluna universitária, foi-me dada a possibilidade de escolher, como disciplina opcional, Cultura Portuguesa. Foi com muita satisfação e algum espanto que constatei a facilidade que tinha em participar nas aulas, o à-vontade que sentia na leitura da bibliografia, composta por textos de António J. Saraiva, Jacinto Prado Coelho, Eduardo Lourenço, entre outros. O ensaio não me era desconhecido, tinha lido muitos excertos, nas aulas, apoiada, é certo, por meu pai, leitor devoto e conversador imbatível. Tive dificuldade em selecionar uma única dimensão na questão 4, porque este professor reunia-as todas. Contudo, o saber imenso e sustentado que transmitia e a forma inteligente como o fazia fizeram-me relevar a dimensão científica. Mas, hoje, tenho a certeza de que era um professor muito inteligente do coração. Fazia-nos sentir bem na sua presença e era muito justo na apreciação que construía do nosso desempenho, quando nos avaliava. Discutia connosco o que tínhamos (ou não) aprendido, a forma como nos exprimíamos e, na correção dos testes, anotava, em letra miúda e muito regular, nas margens das folhas, a inconsistência de algum segmento textual menos conseguido. Ensinou-me muito sobre o que mais tarde vim a aprender sobre coesão e coerência textuais, sem lhes dar nomes. Fui, de um modo geral, muito

boa aluna, ao longo do meu percurso estudantil. Não tive notas muito melhores no 7.º ano do que até aí. A diferença esteve no que, efetivamente, aprendi, no gosto que aumentei pelo saber, na satisfação que senti no processo de aprendizagem. Foi uma fase ótima: adorava as línguas, encantava-me com a Filosofia e apaixonava-me pela História... Acho que, de certo modo, também marquei este professor, porque, anos a fio, perguntava por mim a meu pai e falava-lhe na pena que tinha em não me ter encaminhado para o estudo da História, embora lhe desse conta do conhecimento que tinha da minha paixão pelas línguas e literaturas. Ainda hoje, nas minhas aulas, estabeleço muitas relações com a História e sinto, confesso, um certo orgulho por ter tido a felicidade de rentabilizar a sorte que tive quando fui aluna deste professor. Por fim, confesso que tenho já um conjunto de livros de História guardados para a reforma. Penso poder afirmar que a influência do Professor Hespanha já vai quase em meio século...

28. Admiro a forma como as aulas estavam bem estruturadas

Maria do Carmo, professora, 56 anos

A professora que mais me marcou foi a minha professora de Didática da Química e supervisora de estágio pedagógico, Isabel Martins. O que mais admiro era a forma como as aulas estavam bem estruturadas, cada palavra emitida era clara e precisa. Os comentários às aulas assistidas eram muito pertinentes e era uma aprendizagem contínua.

Fiz-me na escola pública – do infantário aos bancos da faculdade. Tive direito, como toda a gente, a um pouco de tudo: bons e maus professores, bons e maus colegas, boas e más aprendizagens, boas e más memórias. O exercício de, no meio deste percurso de tantos anos, encontrar um professor de quem possa dar um testemunho é um tanto ingrato. Que critério usar? Como medir a excelência? Como não ser injusta? Para afastar estas inquietações, socorro-me de um critério puramente impressionista. Quem me vem imediatamente à memória? No fim do básico – se não me falha a memória, no 8.º ou 9.º ano de escolaridade – tive a sorte de a professora titular de Filosofia entrar de baixa prolongada. Parece cruel achar que alguém entrar de baixa prolongada é uma sorte, concedo... Mas, neste caso, a sorte foi ter-nos sido designado

um professor substituto por todo esse ano lectivo que, pela primeira vez, me fez compreender as maravilhas da Filosofia (de que eu até aí, e muito sinceramente, apenas tinha ouvido falar). Com este professor, cujo nome incompreensivelmente não recorro – ao contrário de tantos maus professores cujos nomes ficaram gravados em pedra na minha memória – percebi finalmente por que razão a Filosofia era tão interessante como eu até suspeitava, mas nunca confirmara. Foi sol de pouca dura: no ano seguinte voltou a professora titular, e com ela a modorra em que para mim ficou a Filosofia até a voltar a resgatar anos mais tarde, já no fim do secundário. Lembro-me vagamente de que este extraordinário professor se vestia de forma modesta, quase anódina, sempre em tons de cinzento. Por cima trazia invariavelmente um blusão de cabedal, também cinzento, e na mão carregava uma pasta cuja cor – seria cinzenta??? – já estava comida pelo tempo. Usava uns óculos sem armação e falava sempre baixo. Não havia, portanto, aparentemente, nada que o destacasse. E, como digo, nem o nome deixou marca. No entanto, paradoxalmente, é o professor que mais vivamente recorro quando me perguntam sobre bons professores. Trazia sempre consigo um assunto na ordem do dia, e era a partir dele que nos punha a reflectir sobre ética e estética, racionalismo e empirismo, lógica e retórica, de uma forma simultaneamente profunda e ligeira. Desconstruía cada conceito com a destreza de quem há anos os manuseia com à-vontade, fazendo-nos mergulhar na matéria sem bóias nem braçadeiras. Mas tratava os estudantes como seus iguais, não os infantilizando nem minorizando, antes responsabilizando e emancipando. E não se ficava pela superficialidade, confrontando cada um com as consequências da posição que a cada passo escolhia assumir. Aquelas aulas não eram, por isso, só aulas de crescimento intelectual, eram no fundo aulas de verdadeiro crescimento pessoal. Tenho-lhe, por isso, esta tremenda dívida de gratidão. Nunca mais o vi nem ouvi falar dele. Talvez por isso o nome se tenha desvanecido... Devo-lhe, no entanto, muito do que (me) construí de sentido crítico, de auto-questionamento, de pôr cada problema em perspectiva. Este pequenino tributo vai-lhe, por isso, endereçado com um sincero agradecimento.

29. Mestres que passaram pela minha vida

Maria do Céu Braziela Alves (Professora, 54 anos)

A bem da verdade poderei testemunhar, todos os meus professores me marcaram, fizeram de mim uma Pessoa Melhor, afinal eu admirava-os, absorvia a doação do que, com toda a certeza, melhor sabiam e podiam fazer. Havia verdade, bem querer, a fluir naturalmente, pelo menos era assim que o intuía.

Na primária, a minha querida professora Judite, já no final da carreira, cujo afeto, carinho, pelas crianças extravasava, ao ponto de acolher a ninhada de gatinhos, debaixo da sua secretária, descobri que nunca estamos sós. O proteger, cuidar do outro, estimula o cuidar de nós e do coletivo, desinteressadamente, FANTÁSTICO, só os queremos preparar para o trajeto maior que os espera. Ali senti-me pertença do mundo, de algo maior.

O professor Castro, 3ª e 4ª classe, um senhor alinhado no seu fato completo, de bata branca aberta, deu-me um dia, duas valentes reguadas por não saber ler o texto, este foi o meu "calcanhar de Aquiles" durante algum tempo, mas não foi isso que me marcou... Marcou-me sim, o muito que nos ensinou nas diferentes áreas da vida quotidiana, já sabia ler, fazer contas difícilísimas de dividir, saber as horas, contar o dinheiro, ter a destreza de fazer o troco nas compras com a mãe. Como era útil, já estava crescida, mas, o que me ficou mais na saudosa lembrança, foi a visita de estudo ao Jardim Botânico, ali pertinho da Escola do Bom Sucesso, e quando no regresso fomos beber a água cristalina da nascente das suas mãos enormes, limpas e, certamente, macias, em forma de concha, tão diferentes das gretadas e ásperas do meu pai.

No segundo ciclo, na Escola Gomes Teixeira, dei um salto gigante. Toda a diversidade de disciplinas, professores no feminino e no masculino dedicados, envolvidos, a proporcionar-nos o melhor das suas experiências pedagógicas profissionais, também era assim que o intuía porque é assim que os recordo... A minha segunda casa, como era feliz.

O meu querido professor de Matemática, ao qual seguiu-se a Sra. Professora, ambos nunca entorpecem a minha natural predisposição por estas áreas da ciência, bem pelo contrário, era duma agilidade mental que até dói e a partilha do meu saber adquirido com os coleguinhas de turma, que delícia. Não esqueço aos sábados na Biblioteca, o professor Eugénio, penso ser assim o seu nome, através de jogos, nos

estimular o gosto pela matemática. A professora de Francês que não se livrava dos beijinhos, a professora de Ciências que realizava trabalho de campo, os de Educação Física, que nos ensinaram todas as modalidades desportivas em jogos de grupo e individual, e organizavam as atuações artísticas a apresentar no espetáculo de final de ano. A professora de História, pequenina e gordinha, a falar, entusiasticamente, dos painéis de S. Vicente. Tal qual, a professora de Português do 10º ano a ensinar apaixonadamente "Os Lusíadas". Sempre houve alma, respeito, bem querer... querer fazer melhor. Como vos recordo com carinho.

A estes e todos os que passaram na minha vida e contribuíram para a minha formação só me resta AGRADECER. Com vocês aprendi, e diariamente, ponho em prática, a exigência, o exemplo, a verdade, o respeito, que de vocês recebi e fiz crescer, CRESCER, um pouquinho mais para lá da, pouco conhecida e reconhecida, Alegria de Ensinar. É assim que concretizo a docência na Escola Pública que me fez gente de valor, é no mínimo para retribuir o tanto que conquistei.

Adoro-vos Professores, em uníssono com a singeleza dos meus Pais, fizeram de mim uma pessoa ÍNTEGRA, Trabalhadora; HUMANA que ama mais, pra lá da conta.

30. Mas acima de tudo, o entusiasmo e paixão que transmitia ao lecionar

Nuno Morujão, Economista, 45 anos

A Professora Milena Rouxinol foi provavelmente a docente que mais me motivou, para as matérias lecionadas, enquanto estudante de Direito.

Foi um prazer e um privilégio assistir às aulas que lecionou. Não só pelo domínio das matérias lecionadas, nem apenas pelo interesse inerente das mesmas, ou a forma estruturada como lecionou, disponibilidade para ouvir e esclarecer dúvidas, e boa disposição sempre reveladas. Mas acima de tudo, o entusiasmo e paixão que transmitia ao lecionar o Direito do Trabalho, o que era particularmente notável por lecionar em horário pós-laboral.

Para alguns estudantes (como eu), essas qualidades foram determinantes para o sucesso académico.

Reconheço que por vezes, a vontade de compreender bem os assuntos me levou a colocar muitas questões, eventualmente para além do que seria desejável para quem

tem a preocupação de cumprir o programa da disciplina. Mas a Professora foi capaz de ir ao encontro das intervenções dos estudantes, eu e os meus colegas, sem prejudicar o cumprimento do programa proposto para a disciplina.

Desejo à Professora a continuação de sucesso no futuro, e agradeço pela dedicação ao ensino e aos estudantes.

31. O(A) Professor(a) que mais me marcou

Odília Queiroz (professora, 62 anos)

Talvez eu tenha tido muita sorte. Na verdade, em todos os graus de ensino que frequentei, encontrei professores que ficaram a morar no lado doce da minha memória.

E entre estes, qual escolher? Não tive grande dificuldade, pois, de repente, uma série de imagens desfilou perante os meus olhos. E eis que o tempo retrocedeu até à criança que fui, ciosamente guardada dentro de mim.

Caminho, rumo à escola, pela mão da minha mãe. Seis anos mal feitos e uma enorme vontade de voltar para trás. Acho que a minha mãe percebe, mas a firmeza com que me guia, não me deixa qualquer hipótese de retroceder.

Sigo amedrontada, ansiosa. O desconhecido está à minha espera....

Eis-me chegada. Olho, envergonhada, para tantas meninas (sim, a escola no meu tempo não era mista), muitas delas também ainda penduradas na mão das respetivas mães.

Algumas de olhos baixos, como eu. Outras já brincavam juntas alegremente.

Fomos chamadas, uma a uma, e entrámos na sala de aula. Duas lágrimas enormes e redondas escorregavam-me teimosas pela cara. Só sabia que tinha seis anos mal feitos e que a mãe tinha ido embora.

Foi quando senti uns braços à minha volta e uma mão a limpar-me as lágrimas. Olhei para cima e encontrei uns olhos perpassados de ternura. Eram verdes, um verde quase cor de mel. E, tal como o seu abraço, cheiravam a casa e a lar.

O medo e a ansiedade desaparecem como que por encanto. Rapidamente senti que tinha encontrado outro bocadinho de casa. E, talvez, outro bocadinho de mãe.

Foi minha professora durante os quatro anos do ensino primário. Uma excelente professora!

Sabia aliar o afeto à aprendizagem, de forma quase instintiva. Com paciência, proximidade e carinho, que usava para com todas as alunas. Explicava muito bem os conteúdos (que dominava perfeitamente), tantas vezes (e de várias formas) quantas as necessárias até ser compreendida, propunha diferentes atividades, levava-nos a descobrir os nossos interesses, talentos e competências, convivia e respeitava a nossa individualidade. Transmitia valores e segurança. E ralhava de vez em quando. Mas nunca acabava a aula zangada e levávamos sempre para casa o beijo da paz depositado na bochecha. E quando a tristeza vinha, feita dor ou lágrimas, tínhamos sempre a certeza do espaço do seu abraço e do olhar dos olhos verdes, de um verde quase cor de mel, que nos envolvia e apaziguava.

Não me ensinou só a ler, a escrever, a contar. Mas também tantas outras coisas tão importantes como valores morais, humanos, de cidadania. A par com os meus pais, ajudou-me a ser e a “crescer-por-dentro”.

E por isso a homenageio aqui, com a gratidão, admiração e amizade de sempre. Em boa verdade, em toda a parte, só se aprende com quem se ama.

32. 46664

Paula Isabel Castelo Branco, Professora, 50 anos

Havia uma escada só para professores. De pedra clara. Fria. Os alunos tinham que percorrer um grande corredor para poderem subir até às salas. Na aula, o estrado avolumava a distância entre quem tinha o dever de transmitir o conhecimento e quem tinha a obrigação de ouvir. Calado. Nada parecia ganhar vida naquele liceu Rainha Santa Isabel, o velho, de madeiras rangentes que ficava à direita quem sobe a longa rua do Heroísmo, depois de deixar o comboio vermelho do Douro, na estação de Campanhã. Quando o Professor José Matias Alves me perguntou se queria participar nesta coletânea de textos que evocam "o professor da minha vida", comecei neste exercício de rememorar os meus tempos de estudante para trazer a 2022 Aquel@ professor@, Aquela pessoa marcante... Aquele esteio que vê que há estrelas dentro de cada um de nós e nos diz que somos as casas do rio do Saber. E por entre um pão com manteiga

apressado do recreio, pelas janelas amplas onde a luz inventava gaivotas, pelos silêncios onde cabiam todos os lápis de cor de ser criança, fui procurando, mas sem grande sucesso.... Lembrei-me, por exemplo, de uma professora de filosofia de óculos largos, redondos, roxos e transparentes que me marcou pela sua vivacidade contagiante. Ela celebrava o grupo e o particular, cimentando relações de confiança indestrutíveis. Acreditava no nosso potencial e isso verificava-se na avaliação quantitativa. Tive 19 . Uma nota que nem sequer existia naquele liceu. Penso que terá sido uma das primeiras vezes que se ouviu falar deste número na sala de professores. Bem podia ter tirado 10. Com ela, saberia a medalha de ouro e seria o grão de arroz azul dos meus dias. Ficou-me, apenas, o seu sobrenome - Menezes - e permaneceu o seu sorriso desafiante onde a força dos debates que promovia nos dava a confiança de sermos símbolos na vida. Outra conjugação antagónica desta velha escola foi a voz doce e quase inaudível de uma minha professora de 7º ano. A única professora que me tratava por "Isabelinha". (O meu primeiro nome é Paula e nunca nenhum outro professor tinha visto com atenção que eu tinha um segundo nome de que gostava tanto...). A professora Fernanda Seabra nunca me perguntou nem eu nunca lhe disse nada. Talvez tenha visto, simplesmente, o meu olhar brilhante, quando o usou pela primeira vez: "Isabelinha"... Tão pequenino este apontamento, mas foi um singelo bordado que, dentro do silêncio, acendia o ar naquelas tão distantes salas de aulas do velho liceu tão bonito por fora. Uma semente. Um primeiro raiar do ninho de afetos para onde a Escola caminha, hoje. Mas o toque de alvorada do meu percurso académico deu-se há bem pouco tempo, quando me inscrevi numa pós-graduação sobre Pontes Ubuntu. O professor Rui Marques do IPAV foi um guia na direção das aves. As suas aulas genuínas, sentidas, a transbordar infinitos, tocaram-me o olhar e toda a pele. Senti-me dentro da sua missão de Ser e de deixar que o outro Seja. Senti-me dentro de um Universo maior de onde todos fazem parte e onde se permite que todos façam parte. Fui criança novamente, enquanto ouvia os seus ensinamentos que surgiam de forma tão natural... tão lua, tão fonte a encher a terra de brancas magnólias... Queria tornar-me um ser humano melhor, em constante crescimento - um ser humano que sabe que dar a mão é maior do que todos os tamanhos , que sabe que a entreatuda se sobrepõe à competição, que a dedicação se sobrepõe à maldade e que confiança se impõe num mundo de desconfiança e descrença. Abri o meu rosto às suas palavras e quis tê-las dentro de mim para as mostrar

ao mundo: "É preciso quebrar a barreira entre um "nós" e um "eles", para dar voz à comunicação; ousar sair dos preconceitos e ideias feitas e partir para o estar face-a-face; deixar de lado o ódio, o desejo de supremacia ou de conquista. Só, assim, nos poderemos encontrar simplesmente como pessoas." (RM). Todos os dias procuro acompanhar os seus ensinamentos lendo-o, ouvindo-o, porque quero ser como ele: ser o lugar mais bonito do meu dia para que o outro possa ser também o seu próprio lugar de sol. A t-shirt com o número de prisioneiro de Mandela - 46664 - que nos ofereceu no final da formação está pendurada no meu quarto, recordando-me que o amor é esta terra de raízes que se alimenta do verso de que é feita a palavra Ubuntu "eu sou porque tu és."

33. Permitia dar asas à minha criatividade

Paulo Monteiro, professor, 62 anos

Foi uma professora de Educação Visual que tive na Escola de Artes Decorativa Soares dos Reis nos anos de 1973- 1974. Teve para comigo, sempre uma boa relação pedagógica e um estímulo, admirava muito os meus trabalhos, e permitia dar asas à minha criatividade, fazia-me sentir que já era um jovem artista. Convidou-me por várias vezes para ir ao seu atelier, mesmo aos sábados de tarde, o que me dava um certo orgulho. Lembro-me muitas vezes dela, chegando a vir uma lagriminha no canto do olho. Tenho pena que tenha morrido tão nova.

34. Sabia explicar que todos somos capazes

Rosário Queirós, Professora, 66 anos

Tive muitos bons professores ao longo do meu percurso escolar. Também tive aqueles que me deixavam indiferentes e ainda outros que eram verdadeiramente incapazes. Penso que esta realidade deve ser comum à maior parte das pessoas. Mas lembro-me de quase todos. Pelos bons e pelos maus motivos.

É interessante refletir sobre o professor que mais me marcou, com esta distância e com anos e anos de profissão docente pelo meio. Diria que tenho obrigação de conseguir perceber porque o tal professor me tocou assim. Em teoria tenho mesmo

obrigação de conseguir definir um bom professor. Mas quando se chega a exemplos práticos, já não é tão fácil assim.

De entre vários, vou escolher um mestre, meu professor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.. Ainda por cima professor de uma disciplina árida como era História da Língua e de que eu, à partida, juraria não vir a gostar.

É pertinente perceber como conseguiu transformar esta cadeira em momentos fascinantes de aprendizagem. Como? Falando e escutando. O seu discurso era fluido, inteligente e culto. Tão depressa estávamos a falar dos traços diferenciadores do português como de Física Quântica. Lembro-me que ficava espantada ao ver os meus colegas a tirarem apontamentos. Como conseguiam? Eu bebia as palavras. Se não entendêssemos o que dizia, os paralelismos nem sempre evidentes, o à-vontade para questionar estava lá. E respondia com o mesmo respeito às perguntas mais inteligentes como àquelas que não faziam qualquer sentido.

Só isto já servia para o caracterizar como um professor que me marcou. Mas a estas características aliava outra de forma tão natural como se lhe viesse da pele: a sua humildade perante o conhecimento. Eu achava (a ainda acho) que ele era um sábio e, como tal, poderia ter direito a alguns momentos de imodéstia. Nem pensar. Nem ele sabia como se mostravam esses estados de espírito. Como todos os verdadeiros sábios, dizia sempre que lhe faltava aprender muito.

Mas ainda não chega. Era também uma pessoa boa, muito boa. Detectava ao longe as tristezas e as inseguranças em relação ao exame ou frequência que estava a chegar. E então estava sempre lá. E uma palavra sua equivalia a algumas horas de aulas. Sabia explicar que todos somos capazes. Se calhar era preciso só mais um pequeno esforço. E esperava. E perguntava: “Então?” E nós, envergonhados perante aquela bondade dizíamos: “Vamos experimentar?” Ele respondia: “Vamos conseguir.” . E conseguíamos.

O que aprendi mais com este professor? História da Língua? Também. Foi o mais importante? Provavelmente não. Mas aprendi a humildade de quem sabe muito, a bondade, a escuta, a disponibilidade, o tempo que eu julgava que os sábios e mestres não tinham. Este tinha. Em cada momento parecia que éramos únicos. Que não tinha mais alunos. O importante era quem estava, naquele momento, a falar.

À distância de tantos anos reflicto: Este professor não usava as tecnologias da educação, nunca lhe vi um powerpoint, não precisava de organizar espaços, nem

tempos. Nos exames (sempre com consulta) o tempo era nosso. E nunca tive que resolver provas tão inteligentes e exigentes. O que quero dizer? Que aquilo que defendo hoje como fundamental para um ensino de qualidade, não se aplica a este professor. Questiono-me porquê. Porque não precisava. Porque as suas palavras eram límpidas e o seu coração enorme. E porque sabia muito. E era o saber, ele mesmo, que nos (me) motivava. Não se esquece um professor assim. Não quero esquecê-lo.

Ajudou-me a dar ainda mais valor a outros mestres que me foram surgindo pelo caminho. Mostrou-me a qualidade. E quando a reconhecemos... aí somos felizes.

Obrigada, professor Óscar Lopes. Obrigada por tudo o que me ensinou. Por gostar de Português, mas também de História, de Física, de Matemática.. do mundo... da vida.

Tenho saudades... mas são saudades suaves. Bem haja.

35. Foi o ser humano mais extraordinário

Sandra Santos, Professora, 41 anos

A professora que vou referir foi o ser humano mais extraordinário que tive o prazer de privar durante três anos do meu secundário. Falo da minha professora de História, que me marcou para toda a vida. Como ser humano, foi humilde, atenta às nossas necessidades e sempre pronta a ajudar, mesmo quando o cansaço já era visível. A minha querida professora, Maria Manuela Cadavez, foi quem me ensinou a compreender a verdadeira essência de estudar História e de a compreender na sua plenitude. Iniciei o secundário com média de 13 a esta disciplina e terminei o mesmo com média de 18. Para chegar a este patamar, ouvi muitas vezes que não era assim e que o esforço não era suficiente, tinha de dar mais ... Era alguém que fazia magia nos seus 50 minutos de aula. As aulas nunca eram monótonas, havia tempo para refletir, questionar e aprender. O reconhecimento e o estímulo que nos dava para não desistirmos era inspirador. Foi essa inspiração que me levou a seguir a profissão que hoje tenho e que tento transmitir o que absorvi naqueles três anos tão intensos para mim. Quando terminei o secundário, no último dia de aulas, deu-me um abraço e disse-me..."Se algum dia alguém te disser que não és capaz, não argumentes, pois estás a perder tempo, prova antes que consegues!" Nos dias em que estou mais em baixo, é sem duvida um momento que recordo. A professora de quem vos falo, já partiu, infelizmente uma doença oncológica,

não pedindo licença para entrar, decidi levá-la cedo demais. No dia em que recebi a notícia, foi uma tristeza. Saber que não poderia visitá-la mais deixou-me muito triste. Tal como ela disse muitas vezes, a vida é assim, por vezes põe-nos à prova para nos tornarmos mais fortes e resistentes. A minha querida professora Maria Manuela Cadavez será sempre uma referência na minha vida profissional e também pessoal.

36. Aquele professor que me marcou

Sofia Rangel, Arquiteta, 47 anos

Sou a Sofia, arquiteta de 47 anos e comecei os meus estudos num tempo (pós 25 abril 1974) em que os professores, ainda tinham uma relação professor/aluno distante e austera, aqueles que nos davam reguadas quando não respondíamos corretamente à tabuada e ficávamos virados para a parede se estávamos distraídos.

No entanto, passada a escola primária entrei num mundo novo, o ciclo e mais tarde o secundário, com professores novos em idade e cheios de ideias e vontade de um mundo novo, depois de um tempo também o deles de opressão e amarras.

A idade da adolescência, quando somos os donos do mundo, sem medos e sabedores de tudo é quando nos aparecem aqueles que nos deixam mais marcas positivas e negativas, pois tudo é vivido intensamente, e assim foi.

Foi quando estava no 7º ano e a direção da escola, propositadamente mudou-me de turma. Ao ver a pauta “morri”. Fiquei numa turma nova sem os meus amigos, foi terrível. Então como uma adolescente que era, fui convicta à direção apresentar os meus argumentos e usar de todos os recursos ao meu alcance para que me voltassem a juntar aos meus amigos. Nessa altura havia uma professora que nos ouvia, mas não cedia, usava ela também dos seus argumentos para justificar as ações da direção. Argumentei vezes sem conta e aquela professora que se cruzava com os alunos nos corredores, que corria até ao campo de jogos para nos “puxar as orelhas” quando tentávamos faltar às aulas, foi a responsável por muitas turmas e grupos de sucesso. Usava os textos difíceis de Gil Vicente para fazermos teatro, as tentativas de faltar às aulas para passeios lúdicos e recreativos, proporcionava-nos momentos de partilha discussão e brincadeira, sem nunca se afastar das normas e orientações da direção, era a nossa ponte para o lado sério da escola.

A professora que descrevo foi capaz de se aproximar dos alunos sem nunca se esquecer do seu papel na escola, foi capaz de fazer passar as nossas incertezas, inseguranças e loucuras à direção de forma a construir uma escola melhor.

Não mudei de turma, a partir daqui nasceu um grupo de amigos que ainda hoje se encontra no Natal à mesa com “a Professora” para recordar e relembrar tudo o que fomos construindo, onde aprendemos uns com os outros a partilha de saberes e frustrações.

Hoje, muitos dos nossos filhos foram para a mesma escola à procura daquilo que vivemos. Os tempos são outros, os professores também, mas as mudanças são muitas e merecem encontrar o que nós encontramos em tempos.

Obrigada, Rosário, pela diferença.

37. Gaivota

Vasco Rocha – estudante, 21 anos

O meu pai sempre foi um dos maiores defensores da escola pública que conheço, e com as suas devidas razões, razões com que concordo e advogo. Não obstante, há que se dar o crédito, quando este assim for merecido, aos bons produtos do privado. Só muitos anos depois soube que a ideia foi da minha mãe e que o meu pai só aceitou a exceção, e com dificuldade, por ficar encantado com o currículo.

Os Gambozinos, em papel, são uma associação cultural com ensino integrado, mas fora do papel, são muito mais do que isso. Entrei para os Gambozinos, com o meu irmão mais velho, quando tinha pouco mais de 3 anos. Fundado pela Suzana Ralha, pianista e compositora, e pelo Rui Pereira, ex-jornalista do Expresso, que abandonara carreira devido às divergências éticas entre si e a ‘indústria’ do jornalismo, os Gambozinos nasciam como uma forma de ensino pouco ortodoxa, em que as artes estavam no centro do currículo.

Em vez de se ocuparem com as respostas a perguntas que nenhum miúdo quer saber, abordavam aquelas com que miúdos dessa idade realmente se debatem. Questões comportamentais, de relações humanas e, acima de tudo, um educar assente no fomentar do sentido crítico. Para além das disciplinas que encontramos numa escola primária “normal” (diga-se, pública), existiam coisas como o Xadrez, a Dança, o Teatro,

as Artes Plásticas, a História e a Filosofia (relembre-se que se fala de uma “escola primária”).

O ensino era muito próximo. Turmas de seis a oito alunos, por vezes dez, o que permitia um ensino focado em cada um, e não existia qualquer tipo de diferenciação ou hierarquia entre professores e alunos. Éramos pessoas, amigos, tratávamo-nos por tu, e pelos respetivos nomes. Embora o Rui tenha tido, sem sombra de dúvida, um enorme papel na minha formação intelectual, instigando um ceticismo racional e um sentido crítico que não se espera de uma criança, hoje venho escrever sobre a Jonita (ou, de acordo com a certidão de nascimento, Maria João Campos).

A Jonita era professora de Matemática, irmã da Suzana Ralha, e a pessoa mais genuína que alguma vez conheci. Não me lembro assim tão bem de episódios de específicos, era muito miúdo e, desde que a Jonita morreu, sinto que, talvez como mecanismo de defesa, essas memórias migraram para o fundo da gaveta. Lembro-me que foi quem me ensinou a trabalhar a empatia, quem me fez perceber que isto não é tudo um jogo em que nós somos as personagens principais e o resto é enfeite. Que do outro lado está outra pessoa como eu e que embora diferente, vivemos todos uma variante da mesma vida. Os mesmos receios. Os mesmos sentimentos. Que existe uma infinidade de perspectivas sobre uma mesma realidade, e que para compreender essa realidade tem que se a ver de mais do que uma.

Ainda no quarto ano, lembro-me de a Jonita ficar doente. Continuava a ir à escolinha estar connosco, e dar aulas, mas com menor frequência. Notava-se um peso nos seus olhos que ofuscava a natural e irradiante energia que estes sempre traduziam até então. Uma criança da quarta classe pode não perceber nada de doenças ou, em geral, de quase nada do mundo real, mas sabe ler pessoas. Sem filtros. Os olhos falam, e os dela berravam.

Um dia, lembro-me de a ver chegar com um pano na cabeça. Como se escondesse alguma coisa por debaixo dele. O que poderia ser? A resposta era nada, não havia nada para esconder debaixo do pano senão a sua reluzente cabeça, despelada. Como qualquer criança, isto suscita perguntas, perguntas a que ninguém quer ter que responder. Acho que foi mais ou menos aí que percebi que a Jonita estava doente a sério (em oposição a estar doente a brincar).

Mesmo depois de acabar o ensino primário, a Jonita continuava a ir a nossa casa. Era adorada por todos lá, até o meu avô tinha uma paixão secreta por ela. Cada vez mais magrinha, mas sempre com um sorriso na cara e um olhar irradiante. Era impossível não se estar feliz ao lado daquela mulher. Sempre a puxar os outros para cima, mesmo quando ela não podia estar mais em baixo. No quinto ano, chegado da escola, a minha mãe senta-se connosco e com os meus avós e conta-nos que a Jonita tinha morrido. Não me lembro o que senti na altura, sei que não disse uma palavra, nem derramei uma lágrima, agora, acho que talvez fosse demasiado novo para compreender o que me estavam a dizer. A Jonita, acima de qualquer qualidade mundana, ensinou-me a ser pessoa, ainda hoje, sem o saber, continua a ensinar.

Chamavam-lhe a Gaivota, por causa da música do Zeca, acho...

[estudante do 3º ano de som e imagem na UCP, 21 anos (março de 22)]

38. Conseguiu que eu acreditasse nas minhas capacidades

Professora, 62 anos

Foi no antigo Liceu Rainha Santa Isabel, uma professora de ciências físico-química. Conseguiu que eu, à época, menina tímida, pouco segura e pouco confiante, acreditasse nas minhas capacidades. Os conceitos adquiridos nessa altura, ainda hoje os tenho bem presentes. A essa professora devo as opções que fiz relativamente à escolha do meu curso. Para além disso tornei-me uma pessoa mais positiva e autoconfiante.

Certo dia, o professor lançou na sala um desafio. Três alunos iriam dar uma matéria nova aos colegas - as funções. Depois de explicar o que pretendia deu a conhecer o nome de três alunos. Para meu espanto eu era uma delas. Aluna de nível 4, tímida, insegura, muito caladinha e "metida no meu canto" nunca pensei ser uma das escolhidas. Na verdade, aproveitei a oportunidade, trabalhei imenso, preparei a aula seguindo as instruções dadas e, quando chegou o dia, lá apresentei a minha aula. Diria que correu bem, ainda pus a turma e o professor a rir com a espontaneidade e simplicidade com que expliquei a matéria que eu própria tinha dúvidas se a sabia para mim. Tudo novo: explicar aos outros uma matéria nova, estar à frente de uma turma de colegas críticos, na fase da adolescência e isto há quarenta anos!!!! Muito inovador para a época, digo eu. E matemática! Dado que era uma miúda tímida e insegura trabalhar

para dar esta aula foi dureza. Que o diga a minha mãe que viveu comigo estes dias de, diria mesmo angústia, dando-me alento. Dar a aula foi um duro desafio vencido do qual ainda hoje me lembro com orgulho. O que viu em mim, ainda hoje não sei, mas a sua sensibilidade percebeu que eu teria jeito para tal. Acho que tinha razão. Acabei por ser professora e adoro o que faço. Obrigada, professor.

39. Eu achava que ele era uma biblioteca humana, com tanta sapiência!

professora, 51 anos

Quando entrei para o 7º ano de escolaridade em 1982, com 12 anos, fiz a minha matrícula e deliberadamente escolhi a disciplina de EMRC (não foi por engano na cruz do prescinde ou não prescinde, sabia bem a diferença). Os meus pais apesar de católicos, na altura não eram grandes praticantes, a não ser em momentos de crise... Conheci o professor António Rocha, Padre Jesuíta, que lecionava a disciplina de Moral na Escola Filipa de Vilhena, no Porto, dava missa na Igreja de Cedofeita, trabalhava também na livraria Paulinas, dinamizava grupos de jovens, grupos de casais e falava-nos de projeto de vida, cidadania, valores. Falávamos de tantos assuntos nas aulas, que muitas vezes me esquecia que estava em EMRC. Usava vários recursos para lecionar as suas aulas e nos despertar para a importância do nós e do outro. Ouvia-nos com atenção, respeitava as nossas opiniões e refletia no conselho ou resposta a dar. Dinamizava muitas atividades. Até ao sábado à tarde (de manhã, naquela época, havia aulas aos sábados, de manhã) para fazermos concursos de cultura geral, cantar, conviver, partilhar o lanche (o que não era possível durante a semana). Sabia, de forma única, fazer-se respeitar, sem gritar, castigar, praguejar... tinha paciência e sempre muitas histórias para contar: era Açoriano, não me lembro de que ilha. Tendo desde pequeno o desejo de ser padre e sendo oriundo de uma família pobre e numerosa, os seus pais venderam uma ovelha para possibilitar a sua vinda para poder vir estudar no Continente. Isto comoveu-me bastante. Eu achava que ele era uma biblioteca humana, com tanta sapiência! Estava constantemente a fazer cursos e formações, normalmente nos Jesuítas, em Espanha. Posteriormente partilhava connosco muitas das aprendizagens feitas. Eu gostava de ouvir e aprender. Lembro-me quando nos contou que o ordenado que recebia ia diretamente para a instituição de que fazia parte. Se precisasse comprar alguma coisa,

um par de sapatos, por exemplo, tinha de pedir ao tesoureiro. Claro que ficava com algum dinheiro de bolso (muito pouco, para o mínimo imprescindível). Um dia perguntei-lhe a idade. Apesar de apresentar um aspeto e um discurso jovial, já devia ter alguma idade, com tanto conhecimento, pensava eu. Quando me disse que tinha 38 anos, respondi: só? Que deselegância da minha parte! Claro que percebeu e não valorizou.

No Natal, Carnaval, Páscoa, final do ano letivo, ou quando entendia, oferecia-nos um marcador personalizado, com uma bela imagem, uma reflexão e a sua dedicatória. Nunca se esquecia de nós! Ousava muitas vezes na escola, de forma ponderada e equilibrada, desafiar o sistema, o que lhe trazia por vezes algumas agruras. No ano letivo de 1985-86 Levou os seus alunos a Vigo (numa altura em que na escola se faziam poucas atividades). Tivemos de ir ao notário para reconhecer autorização de saída do país dada pelo nosso Encarregado de Educação. de parar na Que aventura! Havia muitos alunos que nunca tinham ido a Espanha e as fronteiras eram ainda controladas. Estive inscrita na disciplina do 7.º até ao 11.º ano e assim fui crescendo. No fim do 11ºano, com grande pena minha, tive de mudar de escola. Eu era da área Científico Natural e a Filipa de Vilhena, nessa altura, não tinha essa oferta, dedicava-se mais à área de Economia. No ano seguinte, já em 1997, quando fui à escola antiga, claro, que perguntei pelo professor. Soube que estava na Amazónia, a trabalhar com uma comunidade de índios. Grande desafio, pensei! Nasceu em mim a vontade de fazer voluntariado e de me ligar a algumas instituições e causas que podem fazer a diferença na vida do ser humano. Também eu poderia ousar... Lembrar-me do professor desperta-me uma sensação agradável, de calma, esperança, dedicação, trabalho, exemplo, respeito, altruísmo e empatia. Nunca mais vi o professor António Rocha, nem soube nada dele. Ainda fui perguntando e pesquisando (com e pesquisando (com a ajuda da internet), mas... em vão.

40. E sou grata à professora Baltazar por ter acreditado no meu potencial e por ser uma professora entusiasmada

Estudante, 24 anos

"Todos nós tivemos aquele professor que, pelos melhores motivos, não esquecemos". Ser professor, por vezes, supera a competência científica e a relação pedagógica, às vezes, ser professor é também reconhecer e estimular a capacidade individual de cada aluno. A História da Humanidade está feita de grandes professores. Somos incapazes de imaginar o que seríamos sem um Sócrates ou um Kant para semear a cultura Ocidental. A Ética; a Política; a Ciência; em suma, a própria natureza humana rege-se pelo conhecimento. A Escola tem o poder máximo de ensinar (para além do previsível) o mundo inteligível; a Razão e a Sensibilidade. A escola é o grande sábio; desvendando às sombras da caverna, abrindo portas à crítica, levando o aluno ao seu próprio entendimento do universo. No entanto, tal como o mundo, a Escola não é dos lugares mais agradáveis, e digo que é preciso que não seja. Pois, flores de estufas não resistem às intempéries. Admito que a valorização do conhecimento pelos alunos é tardia. Pois, enquanto crianças, somos mais suscetíveis a atender aos prazeres imediatos. Eu fui uma aluna mediana, se não medíocre, e penso ainda ser uma fiel aluna do meio-termo, qual nem Laozi (sábio do meio) ficaria orgulhoso. Carl Jung classificava-me como introvertida e desinteressada, com uma experiência ruim de adaptação no ensino básico; por ser uma aluna estrangeira, logo estranha e que, como resultado, é artista. O perfil artístico, compete por si só, um género de aluno excêntrico. Qual dificilmente os professores se debruçam, quando regidos pela quantidade, face a qualidade de um único aspeto individual de um ser que nem sempre é brilhante nas suas classificações. Dito isso, claramente assumo que a minha experiência no ensino secundário na Escola Michel Giacometti fez a diferença e marcou positivamente o meu percurso escolar. Sem nenhum compromisso, fui motivada pela professora de História, Patrícia Baltazar, a usar a minha Arte a nível extracurricular; participando de etwinning's; colocando-me em contacto com outros países e valorizando uma Arte que nem eu mesma valorizava. Usando a Arte para contar histórias, tal como Aristóteles previa na sua Poética: a Arte como meio para provocar a Catarse. Assim aprendi a gostar dos projetos escolares. De repente eu queria participar em tudo onde eu pudesse fazer um

desenho ou uma pintura. Uma das grandes lições que aprendi na Giacometti foi: todo pequeno trabalho traz retorno. Daqueles simples projetos, passei a representar Portugal em Erasmus + e tive a oportunidade de conhecer, além de artistas, outros países e pessoas nativas, várias experiências riquíssimas. Hoje tenho um currículo e muitas histórias para contar. Por isso sou grata à professora Baltazar; por ter acreditado no meu potencial e por ser uma professora entusiasmada; ao Diretor Eduardo Cruz e ao conselho daquela Escola, por inovar e participar em projetos europeus, verdadeiramente, buscando tocar na vida de seus alunos, como os grandes sábios. Concluindo assim esse conto inspirador para os jovens professores, uma vez que para mim foi, já que pretendo vir a ser também alguém como os sábios docentes.